

EMOÇÃO III Encontro reúne várias gerações de craques



www.saopaulofc.net

São paulo

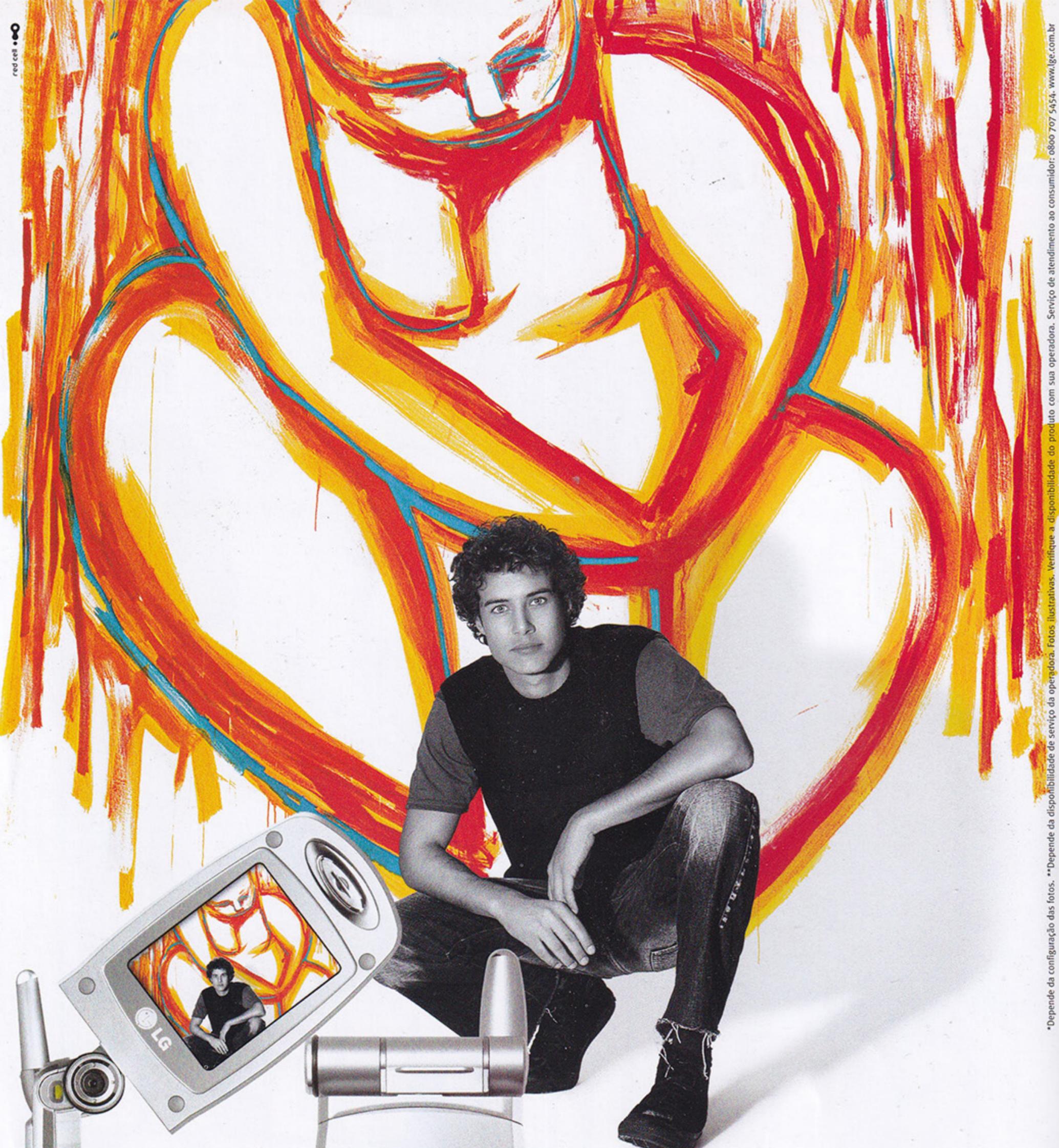
Nº 125 - R\$5,90



Os melhores do Brasileiro 2004

Os segredos da defesa que ninguém venceu no torneio nacional

Grafite • Preparação Física • Danilo • Sérgio Valentin



Pare de dizer quem você é.
Mostre.



G7100. Você com liberdade de expressão.

Duplo display colorido • câmera digital para até 260 fotos*
• flash embutido • zoom de até 4X* • tira até 9 fotos
seqüenciais* • som polifônico de 32 poly • infravermelho
• Java** • MMS** • discagem por comando de voz
• interface de usuário sonora • jogos • GPRS • Wap.
Conheça a nova linha de celulares LG com tecnologia GSM.



SEJA VOCÊ TAMBÉM UM SÓCIO-TORCEDOR



Sócio-Torcedor, vencedor
do Marketing Best 2003.



SÓCIO-TORCEDOR BRONZE

carteirinha, diploma, revista,
camisa oficial do sócio-torcedor e
fita de vídeo institucional do SPFC.



SÓCIO-TORCEDOR PRATA

carteirinha, diploma, revista,
camisa oficial do sócio-torcedor,
camisa oficial do SPFC e fita de
vídeo institucional do SPFC.



SÓCIO-TORCEDOR OURO

carteirinha, diploma, revista,
camisa oficial do sócio-torcedor,
camisa oficial do SPFC
autografada e fita de vídeo
institucional do SPFC.



SÓCIO-TORCEDOR MASTER

carteirinha, diploma, revista,
camisa oficial do sócio-torcedor,
camisa oficial do SPFC
autografada, fita de vídeo
institucional de SPFC e visita
ao Morumbi.

E MAIS: bilheteria exclusiva, sorteios, promoções, descontos em
lojas credenciadas e 50% de desconto nos ingressos de jogos com
mando do SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE no Morumbi.

www.saopaulofc.net
0800-120812



REVISTA OFICIAL DO SÃO PAULO
Presidente do Conselho Deliberativo
Affonso Renato Meira
Vice-Presidente do Conselho Deliberativo
Ataide Gil Guerreiro

Presidente do Conselho Consultivo
José Augusto Bastos Neto

Presidente do Conselho Fiscal
Edison Richelmo Zago

Presidente da Diretoria Executiva
Marcelo Figueiredo Portugal Gouvêa

Vice-Presidente da Diretoria Executiva
Marcelo Martines

EXPEDIENTE

Revista Oficial do São Paulo
Diretoria de Comunicações

Conselho Editorial

Luiz Celso de Piratininga Figueiredo,
Fernando Portela e Marco Antonio Sabino

Diretor Responsável

Luiz Celso de Piratininga Figueiredo

Jornalista Responsável

Carlos A. Bortole Mtb 29442

Editor

Carlos Mesquita

Secretário de redação

Sergio Luci (textos e produção)

Reportagem

Fernando Savaglia, Ana Paula Andrade,
Cynthia Gagliardi, Hugo Cilo e Malú Souza

Colunistas

Paulo Planet Buarque
e Guaracy Souza Sampaio

Colaboração

Juca Pacheco, Felipe Espíndola
e Raul Snell Jr.

Fotógrafo

Rubens Chiri/Perspectiva

Imagem de capa

Rubens Chiri

Arte

Celso Andrade, Daniela Salvador,
Marcelo Campos, Marcelo Gonsales,
Marco Basile e Rogério C. Macadura

Ouvidor

José Alfredo Madeira Simões
ouvidor@saopaulofc.net

São Paulo Futebol Clube

Estádio Cícero Pompeu de Toledo
Pça. Roberto Gomes Pedrosa, 01
Cep 05653 - 070
Telefone 0xx11 3749-8000
(Publicação Bimestral)

Edição

HMP Marketing Editorial Ltda
Fone: (0xx11) 3839-2770

Impresso pelo processo
direct-to-plate por Prol Indústria
Gráfica Ltda



Índice

04 Índice

06 Imagens

Cicinho vai para a galera depois de garantir a vitória sobre o Palmeiras

08 Entrevista

Marcelo Portugal Gouvêa avalia 2004 e projeta 2005

12 Telão

As frases mais comentadas sobre seu time

14 Perfil

Daniilo: pouco papo e muita bola

18 História

Cobertura completa do III Encontro de Ex-jogadores

22 Capa

A zaga menos vazada do Brasileirão entrou para a história do clube

32 Por onde anda

Sérgio Valentin, o goleiro bicampeão paulista em 70/71

34 Jogo a jogo

Os jogos da equipe na Sul-Americana, no Brasileiro e a tabela do Paulista 2005

38 Saúde

Conheça um pouco sobre os métodos de preparação dos atletas são-paulinos

42 Bate-bola

Grafite em nova roupagem. Agora, é o dono absoluto da nove e o goleador da equipe

44 Notícias

Curso para Conselheiros, Gesp, Fórum Internacional da FIFA, União contra a pirataria, livros...

50 Crônica

O Campeonato Brasileiro sob a ótica de Guaracy Sampaio

Editorial



Com cara de festa

Se um é pouco, dois é bom e três é demais, o esquema tático pelo qual Leão optou no São Paulo, o 3-5-2, mostrou que esse dito popular pode ter outra conotação. Depois de várias tentativas que não se concretizaram, o Tricolor encontrou a solução para um problema antigo. Foi justamente um "trio" que pôs ordem na zaga, setor tão duramente criticado nos últimos tempos. Fabão, Rodrigo e Diego Lugano foram quase perfeitos à frente dos ataques adversários. Provaram que, com "três" homens, o que estava bom poderia ficar ainda melhor. De fato, a equipe tomou menos de um gol por partida ao longo do Campeonato Brasileiro. E garantiu-se como defesa menos vazada do certame. Desempenho semelhante fora visto apenas em, adivinhe, "1993". Os números daquele ano ficaram próximos dos atuais. Nossos zagueiros caíram nas graças da torcida. Conquistaram Rogério Ceni e Emerson Leão. Nosso comandante, a princípio, preferia o 4-4-2. Mas, após assistir a seguidas apresentações convincentes, começou a rever os conceitos. "Até o início da temporada, terei tempo para pensar", disse pouco antes das férias coletivas. Enquanto Leão estuda a melhor opção, leia um panorama completo, nesta edição, sobre a zaga mais eficiente da atualidade. Bom, pelo que foi dito até aqui, três, dependendo da circunstância, não é tão excessivo, não. Somos, por exemplo, "tricampeões" brasileiros. Agora, começamos a perseguir mais um "tricampeonato". É o da Libertadores, torneio cuja passagem carimbamos pelo segundo ano consecutivo. Para disputá-lo, assim como o Paulista, o nacional e a Sul-Americana, o São Paulo irá buscar reforços. Quem melhor pode dar uma idéia a esse respeito é o presidente Marcelo Portugal Gouvêa. Na condição de líder do clube, faz, a seguir, um balanço do que aconteceu com o São Paulo nos últimos meses, além de falar das perspectivas para a temporada 2005.

Para esta edição, ouvimos ainda Sérgio Wagner Valentin", goleirão que defendeu o São Paulo na década de 70, "Danilo" e "Grafite", que vão se firmando cada vez mais com a camisa tricolor. O III Encontro de Ex-jogadores também rendeu bons momentos em nossas páginas, afora um especial que esmiuça um pouco a preparação física dos atletas do São Paulo. Enfim, uma revista com cara de festa, de Natal, de alegria, ano novo.

UM ÓTIMO TIME COMEÇA COM UMA GRANDE DEFESA

Os são-paulinos espalhados por todo o Brasil podem orgulhar-se. Temos, sim, motivos reais para isso. O glorioso Tricolor do Morumbi perseguiu com honra e brio seus objetivos desde o início do ano. Trabalhou duro para que ocorressem melhorias. Atletas promissores foram contratados e, ao longo da temporada, conseguiram destacar-se. É o caso do lateral Cichinho e dos zagueiros Rodrigo e Fabão que, junto a Lugano, formaram nossa melhor defesa desde 1993 e, até por isso, a menos vazada do Campeonato Brasileiro. E esse mérito, além dos novos participantes, deve-se também às grandes atuações de Rogério Ceni, em via de tornar-se o atleta que mais vezes vestiu a gloriosa camisa são-paulina.

Não menos importante foi a presença de Leão, um treinador à altura daqueles que fizeram história no São Paulo Futebol Clube, com jeito de que inscreverá seu nome no panteão dos grandes técnicos de nossas melhores tradições. A ausência de Luís Fabiano foi de certa forma suprida pelo crescimento de Grafite, que acabou com nosso principal artilheiro no Brasileirão.

Tudo isso, mais o espírito de luta que nunca faltou ao Tricolor, conseguiu transformar uma equipe aparentemente desmotivada em terceira colocada do certame e - ao mesmo tempo - pela segunda vez consecutiva, classificada para a Libertadores da América após dez anos de ausência.

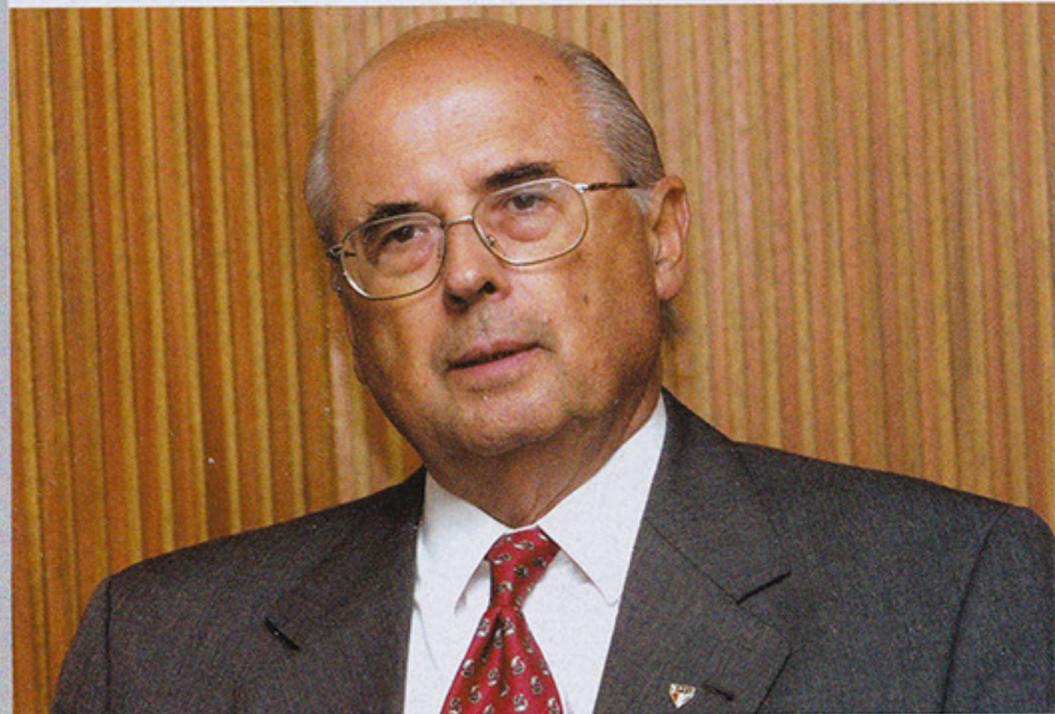
Vamos para essa nova disputa com a disposição de nos tornarmos tricampeões, com a equipe básica e mais contratações estratégicas que vêm sendo avaliadas e concretizadas por esta presidência e pela diretoria de futebol profissional.

Mas o São Paulo está cada vez mais convencido de que a solução de nosso futebol não está em parcerias discutíveis e tampouco em arrendamento de nosso maior patrimônio. As categorias de base sempre foram o grande celeiro de nosso clube e agora serão ainda mais estimuladas pela edificação do novo Centro de Treinamento Laudo Natel, em Cotia. Se, como diz o provérbio, um grande time começa com uma grande defesa, estamos no bom caminho.

Esperamos, pois, com o entusiasmo renovado e com a crença no Ser superior que, em 2005, o São Paulo FC tenha muitos motivos para comemorar.

Certamente estaremos juntos nestes momentos prazerosos, Aceite um abraço de

Marcelo Figueiredo Portugal Gouvêa
Presidente



Imagens





VIRADA À PAULISTA

Na partida de 2 de outubro entre São Paulo e Palmeiras, o Alviverde, apesar de encurralado a maior parte do tempo, abriu o placar do Morumbi. Osmar marcou de pênalti, cometido por Cicinho (*destaque*), aos 41 minutos da etapa inicial. Foi um balde de água fria na empolgada torcida tricolor, que, em massa, compareceu ao Cícero Pompeu de Toledo; e um castigo ao elenco, que dominava totalmente os adversários. No segundo tempo, entretanto, o São Paulo voltou determinado a mostrar quem dava as cartas. E, logo no princípio, Nildo empatou. A equipe vermelha, branca e preta cresceu novamente. Jogou 45 minutos em cima dos palmeirenses, que se safavam como podiam. Até que, aos 47, Cicinho balançou as redes após um bombardeio. Depois de salvar várias vezes, o goleiro Sérgio não evitou a tão merecida virada.



Linha de frente

Após o Campeonato Brasileiro, Marcelo Portugal Gouvêa fez um balanço de 2004, falou das perspectivas para a próxima temporada e contou como é o dia-a-dia de um presidente de grande clube

Por Carlos Bortole

Fim de temporada. O futebol profissional entra em recesso. Enquanto comissão técnica e jogadores rumam para as merecidas férias, o ritmo de trabalho na presidência do São Paulo continua frenético. Reuniões, viagens, telefonemas, sondagens e contratações fazem parte do cardápio natalino de Marcelo Portugal Gouvêa. Afinal, o São Paulo está novamente na Libertadores de América, principal sonho de consumo da massa são-paulina. Como ficou claro durante a longa entrevista concedida à **Revista Oficial**, no final da tarde de 22 de dezembro, em sua sala no estádio do Morumbi, o cotidiano do presidente tricolor está muito distante do que se pode entender como um dia tranquilo. Medidas provisórias, Clube dos 13, categorias de base, relação com a imprensa, parcerias, esportes amadores são questões que, mesmo bem geridas por seus diretores, necessitam de decisões rápidas, diárias e nem sempre bem-aceitas. "A única coisa que quero dizer é que os aborrecimentos são maiores do que as alegrias. Mas, com toda a certeza, dirigir um clube como o São Paulo nos momentos de felicidade sobrepujam todas as tristezas, preocupações e momentos difíceis", desabafou o dirigente durante a conversa. Veja a seguir como Marcelo Portugal Gouvêa encara a responsabilidade de comandar um clube com 12 milhões de torcedores.

No início de 2004 e no decorrer do ano, o São Paulo adquiriu muitos jogadores. Algumas promessas, craques consagrados e atletas desconhecidos. Qual sua avaliação sobre essas contratações após o final da temporada?

É positiva como um todo. Acertamos mais do que erramos. Tínhamos uma boa equipe, mas que precisava melhorar. Realmente, foi o que aconteceu. Hoje, se fizemos uma análise do plantel que existia em 2003, a rigor apenas dois jogadores daquela temporada estão no grupo: Rogério Ceni e Diego Lugano, que, na época, não era titular. Contratamos em janeiro de 2004 cerca de nove atletas e, no meio do ano, mais três.

Houve uma reformulação na equipe. Também porque iríamos disputar Libertadores após dez anos. Nunca sabemos se um jogador vai dar certo ou não, ainda que procuremos nos cercar de todas as informações possíveis sobre ele. Isso é uma coisa histórica no futebol. E continuará sendo. Às vezes, um atleta brilha em seu time de origem. Quando chega, porém, a um grande clube, como é o São Paulo, acaba não rendendo o esperado. Neste momento, estamos fazendo uma pequena reciclagem no elenco. São pequenos ajustes. Até por acharmos que a equipe está muito boa. A ideia inicial é não perder nenhum atleta. Mas isso não é matemática. Afinal, se aparecer uma proposta boa para ambas as par-

tes, fica difícil mantê-lo. Ninguém, entretanto, está à venda. Vamos procurar manter o plantel e reforçá-lo. Chegamos às semifinais da Libertadores e em terceiro no Campeonato Brasileiro. Isso é uma prova de que nosso elenco é muito bom.

A desclassificação da Libertadores e a consequente saída de Cuca foram os momentos mais delicados em 2004?

Foram. Havia dez anos que não disputávamos Libertadores. Estávamos desacostumados a jogar esse torneio, que é diferente dos outros. Algum dia, um psicólogo vai explicar por que se disputa um clássico brasileiro com público de apenas cinco mil pessoas no estádio e quatro dias depois, num jogo contra às vezes uma equipe sem tanta expressão da América do Sul, recebe-se um público de 50 mil torcedores. Em 2004, fomos crescendo na competição. Chegamos a uma semifinal contra o Once Caldas, sabendo que, se passássemos, iríamos enfrentar o Boca Juniors ou o River Plate numa final. Alimentamos uma grande esperança de ganhar o título. Foi decepcionante pelo fato de termos sido desclassificados por um time que, a princípio, não era considerado um dos favoritos. Depois provou que era, porque ganhou a Libertadores. Foi derrotado no Mundial Interclubes nas cobranças de pênaltis. Pelo menos, tivemos o consolo de não termos perdido para qualquer equipe. Perdemos para um time que derrotou o Santos e o Boca Juniors, entre outros. No geral, ficamos felizes com nossa participação. Mas houve um abalo. Basta lembrar que perdemos algumas partidas que não contávamos na seqüência, pelo Brasileiro. Apesar disso tudo, o São Paulo não mandou o técnico Cuca embora. A decisão de sair do comando foi tomada por ele mesmo, que é um grande treinador e uma pessoa absolutamente honesta. O Cuca, simplesmente, achou que não estava bem aqui. Resolveu sair. Foi sem problemas.

Seis meses após a saída da Libertadores, o senhor consegue enxergar algum erro

que não pode ser repetido em 2005?

Foram dadas à equipe todas as condições necessárias para a disputa da Libertadores. No aspecto de organização, não cometemos nenhum erro. O time era bom, mas sabíamos que tinha limitações. Estamos, justamente, querendo corrigir essas deficiências. Mas agora com um novo técnico para disputarmos, mais uma vez, a Libertadores.

O senhor é, reconhecidamente, um dos presidentes de clubes mais acessíveis quando se trata de imprensa. O que pode apontar de positivo e negativo nessa relação com os meios de comunicação?

Essa é uma questão de postura do indivíduo. Vários jornalistas comentam que há clubes cujos presidentes ficam meses sem falar com a imprensa. Não sei se é uma opção pessoal deles ou se, por estarem há anos no cargo, perderam um pouco da paciência de falar com a imprensa pelo fato de alguns jornalistas distorcerem o que é dito. Se concordamos em conviver com isso, continuamos deixando que a imprensa tenha livre acesso ao presidente. Já houve ocasiões em que alguns jornalistas, a meu ver, passaram dos limites em certas notícias. Fiquei sem falar com esses órgãos por algum tempo. Depois, analisei e achei que deveria tratar todos de maneira igual. Estamos, porém, sempre sujeitos a esse tipo de coisa. Hoje mesmo (22 de dezembro) li no *Jornal da Tarde* uma matéria dizendo que o técnico Leão havia dispensado cinco jogadores. Ele não dispensou esses atletas, assim como não vai contratar ninguém. Quem faz isso é a diretoria do São Paulo. É evidente que, quando preparamos a lista de atletas que não teriam os contratos renovados, conversamos com nosso técnico. Em relação a alguns, ele concordou. Sobre outros que, eventualmente, não estavam nos nossos planos, pediu que fossem mantidos. Ainda houve outros que, apesar de não estarem nos planos dele, optamos por deixá-los. No São Paulo, quem decide é a diretoria. Mas a opinião do treinador é importante. O jornalista sabe dessa realidade e, mesmo assim, opta por tentar tumultuar o

ambiente. Às vezes, ficamos irritados. No geral, porém, meu contato com os meios de comunicação é positivo. Tenho minha maneira de divulgar as coisas do clube. Não me arrependo de agir assim com a imprensa, que, na sua grande maioria, é absolutamente correta e motiva o torcedor.

O senhor está satisfeito com o trabalho do Leão?

Estou muito satisfeito. Gosto da maneira como ele trabalha. Fiquei feliz com a capacidade que o Leão tem de organizar e disciplinar o elenco. Cheguei à conclusão de que equipe grande, como é o São Paulo, precisa ter técnico mais experiente. Um treinador mais tarimbado, como Leão, tem a coragem de tomar certas atitudes que um inexperiente não tem. Ele possui fama de ser radical em certas atitudes. Mas, no São Pau-

esse episódio dos problemas das férias. Veio uma decisão que nem está de acordo com a legislação dos trabalhadores em geral. Às vezes, tem-se uma atividade profissional porque necessita-se dela. Mas, nem sempre, é aquilo que a pessoa gostaria de fazer. O jogador de futebol faz isso porque gosta. Não conheço nenhum atleta que jogue e que não goste. É óbvio que tem de existir período de férias, pois ele precisa ter seu descanso. Veja o que está acontecendo com a Taça São Paulo de Juniores. Os garotos passam o ano inteiro no aguardo do dia 5 de janeiro para poderem participar. Criou-se a história de que esse campeonato é um laboratório de craques futuros. E isso é real. Vem gente de todo o Brasil e do exterior para ver esses meninos em ação. Agora, a justiça diz que não se pode

“Estamos muito bem servidos de técnico. O São Paulo espera poder ficar com ele (Leão) durante muitos anos”

lo, não demonstra isso. É enérgico e dono de personalidade forte. É, entretanto, absolutamente acessível ao diálogo. Estamos muito bem servidos de técnico. O São Paulo espera poder ficar com ele durante muitos anos.

Em recente participação no programa *Cartão Verde*, apresentado pelo jornalista Juca Kfourri, o senhor divergiu, em alguns pontos, dos convidados da mesa quanto à edição da Medida Provisória referente à Lei Pelé. Essa nova configuração da lei será um avanço ou um retrocesso na relação entre clubes e jogadores?

É um avanço muito grande. Não tenho nenhuma dúvida de que o jogador de futebol tem de ter uma legislação específica. Não é possível conviver com uma situação em que o atleta exige hora extra porque jogou à noite, pede descanso semanal remunerado porque jogou domingo e assim por diante. Ainda agora tivemos

jogar (a decisão foi revertida no dia seguinte à entrevista). Nosso calendário é muito rígido. Mas existem janelas durante os campeonatos para a disputa de eliminatórias da Copa do Mundo e outros certames. Poderíamos programar as férias dos atletas nesses períodos. Essa interferência é ruim e não traz nenhum proveito. Sou contrário a tudo que impeça os clubes de poderem usufruir seus profissionais. Essa legislação que vem agora ameniza um pouco o rigor da Lei Pelé em relação a esse tratamento que os jogadores têm. Vemos notícias dizendo que isso será uma derrota para os atletas, uma situação humilhante. Mas não é nada disso.

O senhor é defensor de uma liga forte de futebol, que administrasse de forma independente as competições existentes, bem como os negócios dela derivados. O São Paulo é minoria nesse tema?

Minoria total. Quando assumi a presidência, dois anos atrás,

existia uma liga nacional de clubes. Era composta por todos os times da série A e B do Campeonato Brasileiro. Acabou não indo para frente. Não havia vontade política para que continuasse. Como órgão máximo, a CBF deve cuidar da organização geral do futebol e das seleções. Acredito que os clubes devam cuidar de seu calendário. São eles que jogam e que têm a obrigação de pagar suas folhas. Uma liga, dentro das normas gerais traçadas pela CBF e respeitando os jogos da seleção, que são prioridade, poderia resolver muitos desses problemas, como negociar os direitos dos campeonatos com a televisão. Se ela fosse implantada,

não haveria razão para a existência do Clube dos 13, que hoje é um mero repassador dos direitos televisivos. É muito cômodo para a TV assinar um contrato com uma entidade em vez de ter de negociar com todos. A liga seria um avanço. Não digo que estou sozinho. Estou, porém, em grande minoria.

Algumas das idéias defendidas pelo São Paulo, que mexem na estrutura do futebol brasileiro, têm reflexo nas disputas de bastidores? A exclusão da equipe da Sul-Americana em favor do Grêmio e o posterior recuo não podem ser enten-



Choque: estremecimento com o Clube dos 13

tidos como uma ameaça de retaliação ao posicionamento do São Paulo frente ao clube dos 13?

Temos de separar as coisas. Hoje, quem promove o regulamento dos campeonatos é a CBF. A entidade brasileira, em relação à Sul-Americana, fez uma má interpretação do que estava escrito. O São Paulo nem precisou enviar ofício a ela. A CBF, percebendo o erro, corrigiu. Dois anos atrás, solicitei uma autorização para jogar a Copa da Paz. Foi negada. Na época, falou-se muito que era uma retaliação por o São Paulo não ter votado no presidente eleito da CBF. Mas não era nada disso. Disseram-me, na ocasião, que não seria dada a nenhum clube a autorização para afastar-se do campeonato a fim de disputar torneios fora do País. Não há nenhuma retaliação da CBF em relação ao clube. Se nosso inconformismo com o Clube dos 13 tem alguma ligação com a CBF, desconheço. Todas as vezes em que conversei com a CBF, fui muito bem atendido. Tudo que era possível fazer para atender o São Paulo foi feito.

Esse estremecimento entre o São Paulo e o Clube dos 13, se é que houve, pode causar seqüelas no futuro?

Esse estremecimento, realmente, aconteceu. Não nos conformamos com a maneira como a diretoria do Clube dos 13 dirigiu a divisão de cotas para 2005. Nos conformamos menos ainda como foi conduzida a assembléia. Enfiaram goela abaixo uma divisão que não era aceita por alguns. É verdade que houve votação. O São Paulo e aqueles que pensavam como nós foram derrotados. De maneira democrática, acatamos a decisão para 2005. Não somos, porém, obrigados a pertencer ao Clube dos 13. Assim que houver condições jurídicas, sairemos. Estamos num impasse, porque o contrato de 2005 está assinado. Mas o Clube dos 13 não pagou a cota do São Paulo de 20 de dezembro de 2004 sob a alegação de que não assinamos os de 2006, 2007 e 2008. Uma coisa não tem nada a ver com a outra. Flamengo, Corinthians e São Paulo votaram contra essa divisão. Esses três juntos têm mais torcida que todos os outros clubes do Brasil.

Sem nenhum menosprezo a ninguém, mas o São Paulo não pode ter o mesmo peso que o Goiás em termos de projeção nacional. Está errado. Agora, em vez de o Clube dos 13 cuidar disso, faz uma votação que beneficia os menores e prejudica os maiores.

Com a iminente saída do São Paulo e de outros clubes, há a possibilidade da criação de um novo grupo?

No momento, é muito difícil, porque todos os clubes, inclusive o São Paulo, ainda que menos do que os outros, dependem, para se sustentarem, do que a TV paga. Talvez sejamos a agremiação que tenha mais condições de agüentar por maior tempo sem receber esses direitos. Mas, no sistema atual, também não podemos ficar sem esse dinheiro. Em virtude das necessidades prementes, os clubes vão, aos poucos, tendo de aceitar essas condições para poderem sobreviver. É difícil que eles saiam do Clube dos 13 e consigam manter-se, mesmo formando outra associação.

As parcerias com clubes e cidades foram os caminhos escolhidos pelo São Paulo para manter equipes fortes e competitivas nos esportes amadores. Os resultados, neste período, agradaram ao senhor?

Desde pequeno, acompanho, além de futebol, todos os outros esportes. Acredito que a única maneira de fazer o associado que pratica esporte no clube ficar motivado é ter, no próprio local, uma equipe de ponta disputando e ganhando campeonatos. Ele tem um ídolo, um paradigma. Acreditando nisso foi que fiz algumas parcerias em modalidades como futsal, vôlei masculino, basquete, handebol feminino, atletismo, judô e ginástica. O São Paulo, que tradicionalmente freqüentava essas galerias de campeões, estava totalmente fora do circuito havia muitos anos. Mas já começou a voltar. É uma maneira de incentivar o esporte amador.

Os clubes deveriam ter incentivos nos esportes amadores?

Não tenho a menor dúvida quanto a isso. Se você pegar a lista de atletas que estiveram na últi-

ma Olimpíada, o São Paulo, que nem é especialista em esportes olímpicos e sim em futebol, cedeu vários. Mas não recebeu nada do Comitê Olímpico Brasileiro, ou seja lá de quem for, para ajudar no aperfeiçoamento dessas pessoas. Outros clubes, como o Flamengo e o Pinheiros, não recebem um tostão sequer de ninguém. Fazemos isso por vocação. Porque gostamos.

Alguns dirigentes defendem uma atuação mais incisiva do governo no futebol. A criação da loteria Timemania é uma das alternativas discutidas. Isso, porém, não premiará os maus dirigentes?

A idéia dessa loteria é que a renda destinada a um clube, que deva ao fisco, amortize diretamente sua pendência fiscal. O clube cede seu nome para incentivar a loteria. Não recebe, entretanto, nada do produto porque está devendo. O São Paulo, que não deve nada, receberia a verba, por exemplo. Essa distribuição não vai premiar o inadimplente.

O São Paulo é reconhecido, mundialmente, como um dos principais formadores de craques. A que o senhor atribui essa fama?

É uma realidade. Se pegarmos os jogadores que, nos últimos dez anos, saíram daqui para o exterior e conseguiram brilhar, realmente chegamos à conclusão de que o São Paulo é o maior exportador de atletas do mundo. Poderíamos montar três equipes de primeira linha com eles. O clube sempre preocupou-se com os times de base. Até compramos, pouco tempo atrás, um local no qual ficará nosso novo centro de treinamento para os garotos. O jogador que cresce aqui acostuma-se com nossa estrutura, profissionalismo, organização e disciplina. Sai formado.

Nesse contexto, qual a importância do CT Laudo Natel?

Nossa equipe profissional está muito bem alojada na Barra Funda, que não é de propriedade do São Paulo e, sim, da Prefeitura. Daqui a alguns anos, ou renovamos a concessão ou teremos de entregá-lo. A base, hoje em Barueri, também tem boa infra-estrutura. Mas existe ape-

nas um campo de treinamento lá. Vamos, então, juntar tudo em Cotia, no Centro de Treinamento Presidente Laudo Natel, onde haverá dez campos, alojamentos à vontade e centros de fisioterapia, como os do CT dos profissionais.

A contratação de Tevez pelo Corinthians por U\$ 20 milhões é um indicativo do início de um novo ciclo na transação de jogadores no País?

Não acredito. Essa foi uma transação completamente fora dos padrões brasileiros. Por enquanto, não vai mudar nada.

O São Paulo trouxe jogadores consagrados, como Júnior e César Sampaio (ainda não havia comunicado oficialmente a aposentadoria), no final de 2004. O repatriamento de atletas tem defensores e críticos. Qual sua opinião?

Acho útil. Esses jogadores adquiriram grande experiência fora do Brasil e já conquistaram estabilidade financeira. Voltam, geralmente, para jogar futebol porque gostam. Também para encerrarem a carreira no País deles e numa equipe de primeira grandeza. Evidentemente, não se pode fazer um time inteiro de atletas nessas condições. É necessário mesclar.

Como as investidas do São Paulo no mercado europeu, em forma de parcerias, visitas e participações em congressos, podem ser benéficas ao clube?

Estive recentemente na Suíça em um congresso na sede da FIFA. Depois, fui para a Alemanha. Lá, visitei o Bayer de Munique. Fiquei impressionado com a importância que eles dão ao São Paulo. Precisamos de mais intercâmbio para ficarmos ainda mais conhecidos. Clubes que já compraram nossos jogadores, como o Milan, conhecem muito de nós.

O senhor ficou visivelmente emocionado no III Encontro de Ex-jogadores. Qual a importância que os ex-atletas têm para o clube?

O São Paulo é, tradicionalmente, pioneiro. Esse encontro é um evento absolutamente ímpar. Quando fizemos o primei-

ro, temia que a idéia não vingasse. Mas foi enorme sucesso. O que mais impressiona é ver a alegria dos ex-atletas. A emoção deles é passada a nós. No último, fui me despedir de um, quando ele, quase chorando, perguntou-me: "O senhor promete que, no ano que vem, isso se repetirá?". Ouvi frases do tipo: "O São Paulo é um clube. Os outros são times".

O senhor arriscaria formar uma seleção tricolor de todos os tempos?

É difícil. Quando vi o Waldir Peres

e da diretoria com a imprensa no CT. Numa conversa em off, disse que, em 2005, haveria o jogador do presidente. No dia seguinte, não se falava de outra coisa (*risos*).

Este 'jogador do presidente' seria o Falcão, do futsal?

O Falcão é um projeto que está se concretizando. Foi escolhido o melhor jogador do mundo no futsal e tem um talento que pode acrescentar muito ao time. Ele deverá assinar um contrato de experiência até o dia 30 de maio de 2005. Acredito que o entusi-

“A grande ciência em ser presidente do São Paulo é ter o equilíbrio entre os lados racional, profissional e emocional. É isso que tento fazer 24 horas por dia”

defendendo pênaltis e dando um título para o São Paulo, gravei o nome dele. Depois, porém, o Zetti defendeu o São Paulo nos dois mundiais. Agora, o Rogério Ceni há 14 anos jogando no São Paulo como joga. Dá para dizer quem foi o melhor? Isso vale para todas as posições. Prefiro não fazer essa seleção, não. Acabaria cometendo injustiças.

Apesar da grande responsabilidade de comandar um clube da envergadura do São Paulo, o senhor deve ter tido alguns momentos de descontração. Pode citar algum episódio pitoresco?

Trouxe um zagueiro que ninguém queria. A imprensa meteu o pau. Disse que era de Terceira Divisão. E que só tinha jogado na seleção Sub-20. Falaram que eu estava louco, querendo aparecer. Mas eu tinha boas informações e confiava na tradição de uruguaios no São Paulo. A partir daquele episódio, o Diego Lugano ficou conhecido como o "Zagueiro do Presidente". Isso foi em 2002. Fico impressionado como o São Paulo é importante. Qual quer coisa que você diga, causa revolução. Dias atrás, estávamos num churrasco de confraternização da comissão técnica

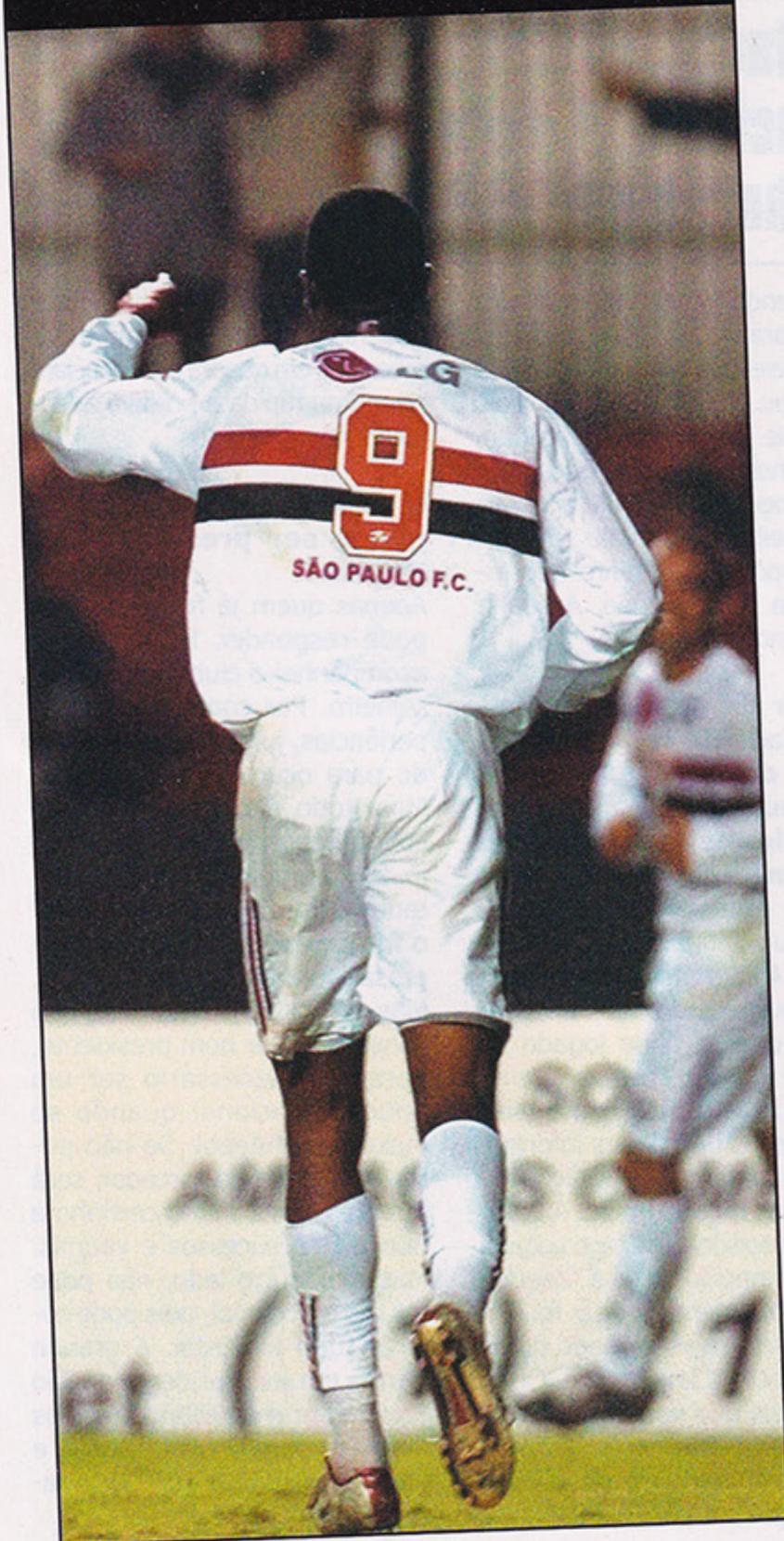
asmo e motivação aliada a qualidade técnica que ele sempre demonstrou em quadra o credenciam para uma rápida e positiva adaptação nos gramados.

O senhor consegue definir o que é ser presidente do Tricolor?

Apenas quem já foi presidente pode responder. Fui diretor e acompanhei o clube como conselheiro. Por conta dessas experiências, julgava-me preparado para ocupar a presidência. Mas, todo dia, levo um susto com a importância do São Paulo. Ser um bom dirigente é bastante difícil. É preciso conduzir o Tricolor como se fosse uma empresa. Tem de ser profissional. Mas, se for só profissional, não conseguirá ser bom presidente, porque é necessário ser um pouco emocional quando se mexe com futebol. Se não puder ser uma dose de torcedor, será um presidente muito certinho e nunca terá sucessos e vitórias. Mas, por outro lado, não pode ser tão emocional, pois pode colocar tudo a perder. A grande ciência em ser presidente do São Paulo é ter o equilíbrio entre os lados racional, profissional e emocional. É isso que tento fazer 24 horas por dia.

“Marcar contra o Corinthians vai ser a maior alegria do mundo”

GRAFITE, atacante, e seu desejo de marcar contra o arqui-rival do Parque São Jorge para apagar, definitivamente da memória dos são-paulinos, aqueles gols que fez contra o Juventus, pelo Paulista, e que salvaram o time alvinegro do rebaixamento (Revista LanceA+/edição 221)



“O Leão, como um maestro em relação a seus músicos, consegue extrair dos jogadores coisas que nem eles sabem que podem fazer”

O são-paulino ZUZA HOMEM DE MELO, um dos mais respeitados críticos de música, durante almoço oferecido por José Augusto Bastos Neto, ex-presidente do SPFC e atual presidente do Conselho Consultivo, em 10 de novembro

“Se o Tevez vale US\$ 20 milhões, o Vágner Love, o Grafite e o Cláudio Pitbull, do Grêmio, valem 30 cada”

ESTEVAM SOARES, ex-zagueiro são-paulino e atual técnico do Palmeiras, traçando comparações (JT/3 dezembro)

“Estou muito feliz no Botafogo, mas não posso esquecer que comecei aqui”

CAIO, atacante, comentando, antes do jogo em que o Tricolor goleou o time carioca por 5 a 2, sobre seu começo de carreira, no SPFC (Lance!/8 de novembro)

LEÃO, técnico

“Gosto de atuar apenas com dois zagueiros, mas isso só pode ser feito no ano que vem”

(Folha de São Paulo/9 de novembro)

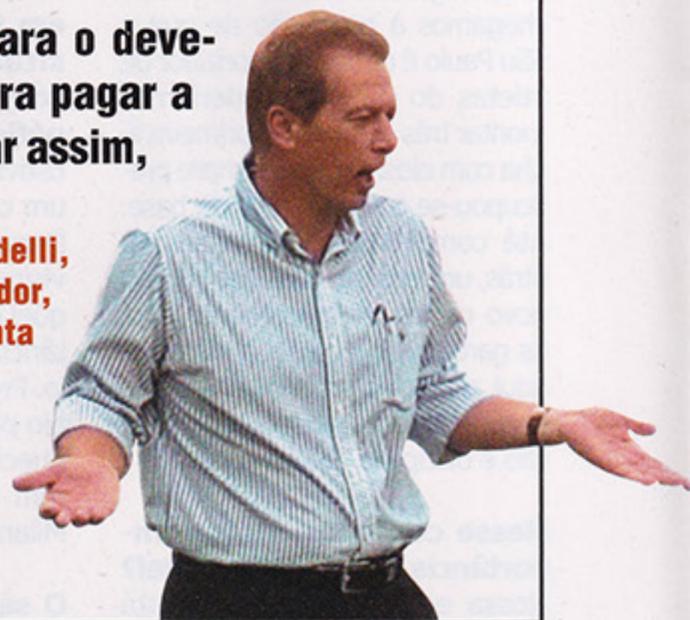
“Até agora, [Fabão, Lugano e Rodrigo] estão provando que eu estava errado. Até o próximo ano tem muita coisa, mas eles estão mostrando que os três zagueiros são bastante eficientes”

Admitindo que o sistema 3-5-2, apesar de preferir o 4-4-2, pode ser repetido em 2005

(Folha de São Paulo/12 de dezembro)

“O mais importante para o devedor é saber que dá para pagar a dívida. Se ele continuar assim, vai pagar!”

Sobre o atacante Diego Tardelli, que, de acordo com o treinador, ainda deve à torcida por conta do histórico de indisciplina (Jornal da Tarde/9 de novembro)



“Os dirigentes administram mal os clubes. O Corinthians e o Flamengo, com o número de torcedores que têm, não poderiam estar em situação tão difícil, com dívidas. O São Paulo é o único de que não posso falar, costuma ser bem administrado”

PELÉ

(O Estado de São Paulo/28 de novembro)

“Acho que o governo tem que participar, mas os clubes devem dar a contrapartida”

LEONARDO, dirigente da Fundação Milan e ex-jogador do SPFC, comentando o papel que o governo poderia ter no futebol brasileiro (revista LanceA+, edição 219)

JUVENAL JUVÊNCIO, diretor de futebol

É um sinal que a situação ruim dos clubes cariocas está chegando a São Paulo”

Referindo-se à parceria entre Corinthians e MSI

(JT/25 de novembro)

Se ele (Tevez) fosse mesmo tão bom como dizem que é, iria jogar na Europa e não no Corinthians”

A respeito do atleta argentino, contratado no final do ano pelo time do Parque São Jorge

(JT/3 dezembro)

“E tudo isso por apenas 35 milhões de dólares, o preço que o Betis pagou ao São Paulo pelo passe de Denílson anos atrás”

JUCA KFOURI, jornalista, usando um exemplo do São Paulo para comparar os números da negociação entre Corinthians e MSI

(Rádio CBN/24 de novembro)

Colírio

O galã Henri Castelli e sua namorada, a bela modelo Isabeli Fontana, estiveram no camarote da LG, no Morumbi, na vitória do time sobre o Internacional no dia 28 de novembro. A dançarina Sheila Mello também marcou presença. O mascote Santo Paulo foi quem mais comemorou.



LENDA TRICOLOR

ANOS DA CONSTRUÇÃO

Aconteceu em 1960. Durante a edificação do Estádio do Morumbi, toda receita arrecadada pelo São Paulo era destinada à compra de cimento e material de construção. Não havia recursos para que fosse montado um grande esquadrão. Nessa fase brava, ainda que enfrentássemos os rivais de igual para igual, não era raro o Tricolor terminar em desvantagem no placar diante de seus adversários mais tradicionais. Numa noite de quarta-feira, porém, o São Paulo arrasou o Corinthians no Pacaembu por 4 a 1. O então presidente Laudo Natel, testemunha ocular da goleada sobre o arqui-rival, voltou para casa exultante. Ao entrar, foi indagado por sua esposa, já quase dormindo, sobre o resultado do jogo. “4 a 1!”, respondeu Natel de maneira orgulhosa. Habituada aos insucessos da equipe no período, dona Zilda emendou: “E quem fez o nosso gol?”. (Fonte: Pequenas Grandes Histórias do SPFC)

Momentos de folga: sempre ao lado da esposa e do filho

Pouco papo e muita bola

Sem qualquer tipo de marketing pessoal e avesso às badalações, **DANILO** conquistou aos poucos e discretamente seu lugar no meio-de-campo tricolor. Para a temporada 2005, desponta como uma das apostas do clube

Por Sergio Luci

Era bem cedo. Tão cedo que o galo tinha acabado de cantar pela primeira vez. O garoto e seu pai, porém, estavam acordados havia alguns bons minutos. Pois os primeiros raios de sol que invadiram a barraca os despertaram sem piedade. Os dois levantaram-se e, à beira do rio, não mais do que a 10 metros de onde acampavam, lavaram o rosto. Instantes depois, prontos para mais uma aventura familiar, lançaram suas iscas da margem das águas. Em outras ocasiões, entretanto, em vez de pescarem, entravam na mata em busca de tatus.

O episódio descrito era corri-

queiro na vida de Danilo. Hoje, quase duas décadas mais tarde, o jovem pescador de Ibiá, cidadezinha pacata de Minas Gerais, tornou-se dono absoluto da camisa dez são-paulina. Perto de completar 12 meses como cidadão paulistano, ainda não perdeu a timidez e nem o sotaque caipira. Acanhado, de fala mansa e fazendo jus à fama de seus conterrâneos, aportou ao Morumbi como um autêntico mineirinho. Calado, não se importou com as severas críticas que recebera nos primeiros jogos pelo São Paulo. Com os pés no chão e a cabeça erguida, transformou-se num dos cérebros do time.

As boas performances calaram

os críticos. Para comprovar a ascensão, os números jogam a favor. Pelo Campeonato Paulista 2004, primeiro torneio em que defendeu as cores do clube, não foi muito bem. Nas vezes em que substituiu o titular Marquinhos, oscilou. Encerrou no regional sem marcar nenhum gol. Na Copa Libertadores, o desempenho melhorou consideravelmente. Ainda, porém, não era o ideal. Com apresentações mais consistentes e um belo gol, começou a ganhar espaço. A evolução repentina, no entanto, teve início assim que Emerson Leão desembarcou no São Paulo.

O comandante fez questão de modificar o posicionamento e a forma de jogar do camisa dez. O atleta ganhou mais liberdade para chegar à frente. Também parou de preocupar-se tanto com a marcação. Tais medidas surtiram efeito imediato. No Brasileiro 2004, as principais jogadas do time saíram de seus pés, quando não foram protagonizadas por Cícinho. Com faro de artilheiro, estufou as redes adversárias em oito oportunidades. Quem não cansou de elogiá-lo foi o próprio treinador. "O Danilo é um jogador inteligente. Sabe usar o corpo muito bem, com giros e viradas de jogo", afirmou Leão em entrevista ao site oficial do clube. Obviamente, o meia-armador vive seu melhor momento profissional. Entretanto, para chegar até aqui, quase desistiu no meio do caminho.

EIS QUE SURGE A OPORTUNIDADE

Danilo Gabriel de Andrade nasceu em São Gotardo-MG. Mas, ainda criança, mudou-se para Ibiá, cidade vizinha. Seu pai era dono de uma pequena serralheria. A rotina do menino era bem agitada. Acordava cedo para ir ao colégio, à tarde ajudava o pai na firma e, à noite, jogava futebol. Nos fins de semana, pescava, caçava e acampava à beira do rio. Quanto ao trabalho, admite que tinha lá suas dificuldades. "Meu pai até brincava comigo, dizendo que eu tinha que arrumar um jeito de jogar bola, porque, do batente, eu não gostava", diverte-se.

Até os 16 anos, contudo, não deixou de ajudar nos negócios da família. Diariamente, saía da escola e passava à tarde na ser-

ralheria. A grande preocupação, no entanto, resumia-se em aguardar o ponteiro do relógio marcar 5 horas da tarde. "Ficava esperando dar meu horário para ir jogar bola. Já era viciado em futebol."

Paralelamente ao serviço, matriculou-se na escolinha de futebol de Ibiá. Aos 14 anos, além de praticar nos gramados, disputava campeonatos de futsal com garotos mais velhos. Mas o que realmente o seduzia eram os jogos no campo. E foi entre partidas oficiais e encontros amistosos que pintou a grande oportunidade. Seu tio morava em São Gotardo e conversou com um conterrâneo sobre o sonho de o sobrinho ser jogador profissional. Curiosamente, o filho do colega também era alucinado por futebol. Resolveram, então, organizar um torneio na cidade com outros clubes do Brasil. Atlético-MG, Goiás, Cruzeiro e América Mineiro, entre outras agremiações, marcaram presença.

Danilo defendeu o time da casa, o Sparta. Por conta do ótimo desempenho, chamou a atenção dos treinadores rivais. O técnico goiano e o do Galo ficaram admirados com o talento do meia-armador de São Gotardo. Assim que o festival terminou, ambos o procuraram. Na época, restavam duas escolhas: tentar a sorte em Goiânia ou permanecer na terra do queijo e vestir a camisa alvinegra do Atlético.

SAUDADE DA TERRINHA

A segunda opção o encheu de esperança. Jogar no Mineirão lotado, com a torcida inteira gritando seu nome, era a realização de um sonho. Ao chegar a Belo Horizonte, porém, sentiu-se deslocado e desprestigiado. Em vez de treinar com os juvenis, participou apenas de uma peneira. Nem sequer conversou com os jogadores do time. "Cheguei na quinta-feira de eleição. No dia seguinte, voltei para Ibiá. Disse que retornaria na segunda-feira. Até hoje não dei as caras", relata. "Na época, queria desistir de tudo."

Cabisbaixo, entrou em casa e revelou o desânimo aos pais. Disse que queria desistir. Após muita conversa, foi convencido a lutar por aquilo que sempre sonhou. Naquela instante, seu pai ligou para o técnico do Goiás. Do outro lado da linha, o treinador solicitou que o garoto se apresentasse na segunda-



DANILO Gabriel de Andrade
Nascimento: 11/06/79
Local: São Gotardo (MG)
Posição: Meio-de-campo
Altura: 1,82m
Peso: 76 quilos

“Quem pegava no meu pé e não me deixava desistir era meu pai. Se não fosse ele, teria largado tudo e ido embora”

feira. Pediu, ainda, que providenciasse roupas, documentos e chuveira, pois iria dormir na república do clube. Ademais, informou que o contrato seria assinado assim que ele chegasse. A sorte estava lançada.

Conforme o combinado, desembarcou em Goiânia e seguiu direto para o treino. No início, tudo caminhava bem. Logo no primeiro dia foi integrado à equipe juvenil. Entretanto, em virtude de sua criação, morar sozinho estava sendo mais complicado que driblar os adversários e marcar gols. Danilo havia crescido no interior de Minas Gerais, era muito apegado à família e estava acostumado a ter tudo na mão.

A cidade grande o amedrontava. "Ligava para a minha mãe todos os dias. Estava muito triste. Já não agüentava mais", lembra. "Quem pegava no meu pé e não me deixava desistir era meu pai. Se não fosse ele, teria largado tudo e ido embora", admite. Mas, com muito esforço e apoio familiar, conseguiu superar o trauma.

Em menos de um ano, subiu para os juniores. Em 1999, disputou a Copa São Paulo de Futebol Júnior. Por conta das ótimas atuações no torneio, Hélio dos Anjos, na época treinador da equipe principal, promoveu-o aos profissionais. Nesse mesmo ano, assinou seu primeiro contrato.

A CHEGADA AO TRICOLOR

Danilo estreou com a camisa do Goiás na Copa do Brasil de 1999 contra o Santos. Entrou no fim e jogou apenas alguns minutos, que foram suficientes para fazê-lo lembrar-se de tudo que sofreu para chegar ali. A partir desse jogo, passou a fazer parte do elenco principal. No entanto, por causa da pouca idade, continuou entrando apenas no decorrer dos jogos. Naquele ano, conquistou o Brasileiro da série B e o pentacampeonato goiano. Nos torneios seguintes, adquiriu experiência e ganhou espaço no plantel. Conseqüentemente, seu futebol começou a aparecer. Em 2001, virou titular absoluto, dono da camisa dez e principal articulador das jogadas ofensivas. Defendeu as cores alviverdes até o fim de 2003, quando acertou sua transferência para o Tricolor paulista. Desembarcou em São Paulo e não se deixou abalar com o assédio da imprensa. "No início, me senti um pouco pressionado. Mas, graças a

Deus, consegui me adaptar legal", comemora. "O pessoal me acolheu muito bem. Essa recepção foi fundamental. Digo em relação a todos os funcionários do clube, não somente aos jogadores."

Seu primeiro jogo aqui ocorreu em 21 de janeiro de 2004, pelo Campeonato Paulista, contra a Ponte Preta. Nenhuma das equipes conseguiu balançar as redes. Mas, para o atleta, o resultado pouco importou. Vestir o uniforme do time do coração o arrepiou. "Sou são-paulino desde garoto. Tenho fotos com a camisa do São Paulo ainda criancinha", revela. "Me apaixonei pelo clube quando passei a assistir àquele time com Raí e Müller." Na reta final do Brasileiro 2004, desfalcou a equipe no empate sem gols diante do Vasco, no Rio de Janeiro. Naquele jogo, o São Paulo pouco produziu. Em seu retorno, contra o Juventude-RS, foi fundamental na vitória por 4 a 0. Após a partida, na coletiva de imprensa, Emerson Leão fez questão de elogiar-lo. "Voltamos a contar com o homem que organiza nosso time. Ele segura a bola e espera os alas chegarem à frente com os atacantes. Além de tudo, finaliza de fora da área. Isso ajuda muito."

Terminada a temporada 2004, o camisa dez poderá pescar satisfeito. Se os títulos não vieram, pelo menos alcançou um lugar entre os titulares. E, com a ajuda dos companheiros, classificou o clube para a Libertadores. Em 2005, será uma das principais apostas para o triunfo no torneio internacional. "Futebol é muito dinâmico. Você precisa jogar bem sempre. Todo jogador que chega a um time grande tem de vir com esse pensamento", alerta. "Não vou me acomodar jamais. A torcida pode contar comigo para o que der e vier."

BATE-BOLA

Após a saída de Raí, inúmeros atletas vestiram a camisa dez e não vingaram. Muitas pessoas estão comparando o seu futebol com o dele...

O Raí, nossa senhora, é um ídolo que eu tive em toda a minha vida. Procurei me espelhar muito no futebol dele. Mas cada um tem seu estilo. Vou procurar fazer meu trabalho e ajudar o clube de todas as maneiras.

Como é seu relacionamento com os profissionais do SPFC?

É o melhor possível. Tenho amizade com todos. É claro que sempre você tem uma liberdade maior com um ou outro. E, pelo fato de minha família estar aqui, após os treinos procuro ficar com eles (*mulher e filho*). Também tenho dois amigos de Minas Gerais que são cantores em São Paulo (*Dinho Santos e Márcio*). Sempre que dá, passo a tarde com eles.

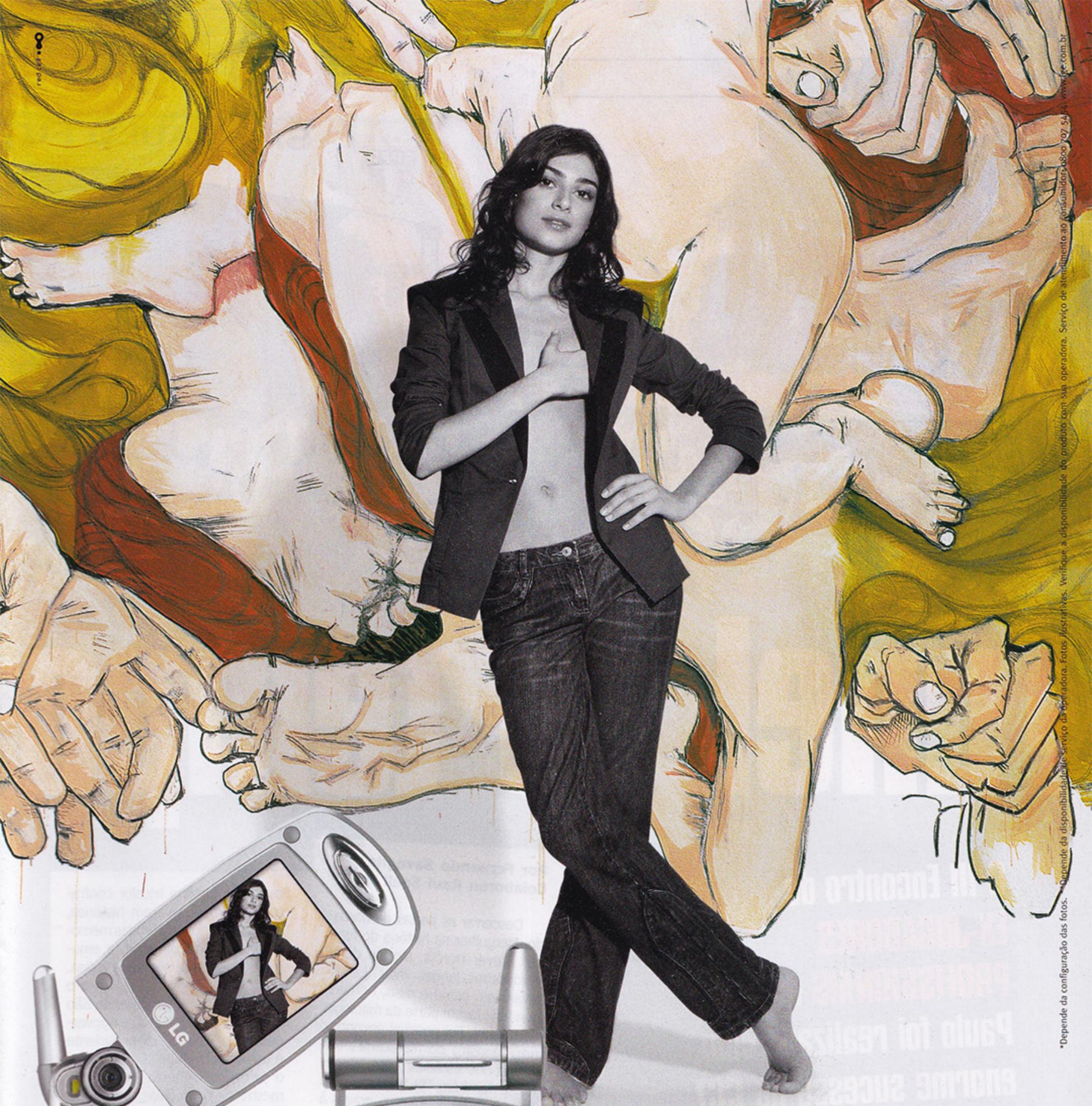
Quando você não está em campo, o que curte fazer?

Quando tenho uma folguinha maior, costumo ir à praia. Vamos (*família*) mais para a da Enseada, no Guarujá. Às vezes, descemos de manhã e voltamos à tarde. De pescaria (*risos*) gosto muito. Sempre brinco que fui criado na beira do rio. Além do mais, meu pai caçava e, sempre que sobrava um tempo, acampávamos. Nas minhas férias, procuro descansar à beira do rio. Mas, graças a Deus, adquiri um pedacinho de terra. E não preciso mais ficar em barraca. É um sítio bem pequeno. Quando vou para lá, sempre levo amigos.

Quem é seu parceiro de quarto na concentração? O que você curte fazer?

Em São Paulo, é o Fabão. Fora da cidade, fico mais com o Renan. Como sou companheiro do Fabão desde a época do Goiás, pego muito no pé dele, porque dorme demais e ronca um pouco. Além disso, o Nildo, o César Sampaio, o Júnior e eu temos um duelo na sinuca. Até compramos um caderninho para anotar as derrotas de cada um. O perdedor sempre acaba sendo gozado. No final do campeonato, quem estiver lá embaixo vai ter que pagar alguma coisa.





Agora, sua voz
também é fotogênica.

 **LG** Life's Good

G7100. Você com liberdade de expressão.
Duplo display colorido • câmera digital para até 260 fotos*
• flash embutido • zoom de até 4X* • tira até 9 fotos
seqüenciais* • som polifônico de 32 poly • infravermelho
• Java** • MMS** • discagem por comando de voz
• interface de usuário sonora • jogos • GPRS • Wap.
Conheça a nova linha de celulares LG com tecnologia GSM.



*Depende da configuração das fotos.

**Depende da disponibilidade de serviço da operadora. Fotos ilustrativas. Verifique a disponibilidade do produto com sua operadora. Serviço de atendimento ao consumidor: 0800 07 54 54. www.lg.com.br



Túnel do tempo

O III Encontro de **EX-JOGADORES** **PROFISSIONAIS** do São Paulo foi realizado com enorme sucesso no CCT da Barra Funda. Não faltou emoção nesse dia histórico para o clube e seus ex-atletas, que compareceram em grande número

Por Fernando Savaglia/
Colaborou Raul Snell Jr.

Descerrar as portas do passado. Mergulhar na história do futebol. Rever heróis, alguns deles verdadeiras lendas vivas. Lá estavam em carne e osso, homens que hoje fazem parte da mitologia do futebol. Foi possível encontrar um "Monstro do Maracanã", um "Deus dos Estádios", um "Capeta". E também "El Verdugo", "El Diablo" e um ponta que, graças à velocidade que tinha, recebeu o apelido de "Bala". Ou ainda um lateral que, por ser dono de um chute extremamente potente, foi chamado de "Biônico", além de vários campeões mundiais que brilharam em campos que não conseguimos sequer vislumbrar.

Realizado em 13 de novembro, o III Encontro dos Ex-jogadores Profissionais do São Paulo Futebol Clube reuniu mais de 300 craques do passado nesse que se tornou o principal evento destinado a ex-jogadores de que se tem notícia no Brasil. Atletas das últimas seis dé-

cadadas da história tricolor confraternizaram, reavivaram histórias, episódios curiosos, partidas memoráveis e, principalmente, a emoção de vestir a camisa são-paulina.

O encontro foi aberto com o hasteamento da bandeira do São Paulo por Laudo Natel, ex-governador do Estado, ex-presidente e patrono do clube. Em seguida, o jornalista Alberto Helena Jr., mestre-de-cerimônias, introduziu Affonso Renato Meira, presidente do conselho deliberativo. Na seqüência, foi a vez de Marcelo Portugal Gouvêa ressaltar a importância da iniciativa. "Nós, do São Paulo, mais do que ninguém temos história para contar. Quando fizemos o primeiro encontro, ficamos em dúvida se deveríamos repeti-lo. O que ouvimos dos ex-atletas, porém, foi que essas reuniões não poderiam acabar", revelou. "Em 2005, faremos um novo encontro no Centro de Treinamen-



to Laudo Natel em Cotia, que o São Paulo FC acabou de adquirir com o objetivo de continuar revelando grandes jogadores", avisou o presidente.

Representando todos os ex-atletas presentes, Raí estava emocionado com a presença de Hideraldo Luiz Bellini, zagueiro-central do Tricolor no início dos anos 60 e capitão da seleção brasileira campeã mundial de 1958, na Suécia. "Feliz daquele que fez parte da história do São Paulo Futebol Clube", afirmou. Ele ainda foi homenageado pela esposa do Presidente Marcelo Portugal Gouvêa, dona Rochelle Siqueira, pela Fundação Gol de Letra, entidade assistencial que fundou em parceria com o ex-craque Leonardo.

LÁGRIMAS

Para o jornalista Orlando Duarte, a festa que o São Paulo promove, anualmente, deveria servir como modelo para outros. "Quem não valoriza seu passado não deve ter um presente. E não deve ter um bom futuro. É uma homenagem aqueles que suaram, choraram, lutaram em favor das cores de um clube."

O meia-esquerda Maneca, que atuou na década de 50, também não conteve a emoção. Após a foto oficial, declarou: "No

futebol, é fácil esquecer um ex-jogador. Mas, no São Paulo, não. O clube está sempre na vanguarda. Até mesmo quando o assunto se relaciona a seu passado".

Para o ex-goleiro Picasso, que viveu a fase de maior jejum de títulos da história do clube - durante a construção do Morumbi - , poder participar da inauguração completa do "gigante de concreto" foi um dos momentos mais emocionantes de sua carreira. "Aqui, passa um filme na nossa mente. Dos tempos em que participávamos desse grande clube."

Já para o campeão paulista de 1975 José Carlos Serrão, que esteve pela primeira vez à festa, o evento proporcionou seu reencontro com, além de ex-companheiros de sua fase de jogador, comandados de sua época de treinador da equipe principal do Tricolor, em 1986. "Afora isso, estou revendo pessoas que não via havia mais de 30 anos, inclusive o técnico Firmo de Mello, que me lançou. Só mesmo o São Paulo para nos proporcionar isso."

O médio-volante Peres, outro que entrou para a galeria tricolor - em 1977, converteu um dos pênaltis na famosa decisão do Campeonato Brasileiro contra o Atlético-MG -, garantiu que sempre aguarda o encontro com expectativa. Enquanto falava com nossa reportagem,

Peres, que foi um dos heróis da batalha do mineirão, autografava, para um jovem torcedor, uma velha edição de uma revista *Placar*, cuja data era de dois dias após a conquista do título brasileiro.

Para o ex-lateral direito Getúlio, esse tipo de manifestação, ainda mais vinda de torcedores que nem tinham nascido nos tempos dessas vitórias, acaba fazendo jus à dedicação com que os ex-atletas defendiam as cores do clube. "Esse assédio nos envaidece e nos deixa muito emocionados", declarou o ex-atleta, que também jo-

gou aquela lendária partida.

COLECIONADOR DE FIGURINHAS

Para qualquer amante do futebol, a oportunidade de ter contato com nomes do passado, como Yeso Amalfi e Bauer, já seria um privilégio. Imagine, então, os dois craques dos anos 40 e 50 sentados à mesma mesa?

"Além de reencontrar ex-companheiros, podemos conversar com jogadores que eram nossos ídolos, como Bauer e Alfredo Ramos. Lembro que colecionava figurinhas deles quando era garoto", divertia-se Sérgio Wagner Valentin, goleiro bicampeão paulista 70/71.

"Feliz daquele que fez parte da história do São Paulo Futebol Clube"

RAÍ, campeão mundial com o São Paulo em 1993



"Os jogadores antigos já eram profissionais de verdade. Mas, por outro lado, havia alguma coisa a mais nessa relação entre clube e atleta", ressaltou o zagueiro Turcão, outro astro dos anos 50.

Um dos responsáveis pelo sucesso da confraternização, o ponta-esquerda Paraná fez um apelo à imprensa esportiva. "Por cuidar dos veteranos do São Paulo, eu possuía o nome de vários deles. E acabei ajudando a organizar a festa. Mas gostaria que a imprensa nos auxiliasse a encontrar alguns outros que jogaram aqui e que, infelizmente, não conseguimos localizar".

Na opinião do fantástico ponta-esquerda Zé Sérgio, ídolo no final dos anos 70, início dos 80, o evento engrandece os ex-atletas independentemente de eles terem obtido ou não títulos com a camisa tricolor. "Sendo ou não campeão, o ex-jogador merece e precisa desse reconhecimento."

Feliz por reencontrar velhos amigos, o ex-centroavante Casagrande, atualmente comentarista da Rede Globo de Televisão, não estava surpreso com a iniciativa. "O São Paulo sempre teve memória. Joguei só seis meses aqui e sempre sou muito bem recebido. Este clube reconhece o valor de seus ex-atletas."

Para os tricouros mais jovens, uma mesa, em especial, chamava a atenção. Ao redor dela, conversavam, animadamente, três bicampeões mundiais (92/93). O atacante Palhinha, o volante Dinho e o lateral-esquerdo Ronaldo Luiz, que revelou uma curiosidade. "Aquele lance em que evitei um gol em cima da risca no jogo de Tóquio contra o Barcelona acabou marcando, positivamente, minha vida. O interessante é que, de maneira geral, um jogador é lembrado por um gol que fez em uma partida importante. Mas fiquei por evitar (risos)."

Já o goleiro Suly, por sua vez, viveu uma história fortuita no Pacaembu, quando defendeu o Tricolor num jogo diante do Santos que jamais será esquecido. Na partida disputada em 15 de agosto de 1963, a equipe do Peixe, orquestrada por Pelé, literalmente fugiu de campo quando pressentiu que a humilhante derrota por 4 a 1 para o São Paulo - que, segundo a crônica da época, tinha apenas uma equipe

modesta - poderia tornar-se algo catastrófico, como aquele placar de 9 a 1 construído em encontro válido pelo Paulistão de 1944. "Guardo, com muito carinho, aquele jogo na memória, assim como uma vitoriosa excursão à Europa e a conquista da Pequena Copa do Mundo na Venezuela."

ATRAÇÃO À PARTE

Considerado o maior artilheiro da história do São Paulo - três vezes campeão paulista e uma vez brasileiro -, o ex-centroavante Serginho Chulapa foi, de longe, o mais assediado da festa. Enquanto tirava fotos e concedia autógrafos, falou sobre sua impressionante popularidade. "É muito gostoso ser recebido assim. Tenho uma história no São Paulo de oito anos e fico muito feliz por poder comparecer", garante. "O clube está dando um exemplo para os outros, que deveriam fazer o mesmo por seus ex-atletas."

Pedro Rocha, ídolo dos anos 70 que ainda hoje desfruta a condição de um dos maiores armadores que passaram pelo Morumbi, conversava com empolgação. "Está tudo muito bonito. Estávamos agora mesmo comentando como o futebol era diferente na nossa época. Particularmente, prefiro o de quando jogávamos", comentou o ex-camisa 10.

Apelidado de Bionicão, o lateral-esquerdo Antenor, campeão brasileiro de 77, esclareceu, definitivamente, como surgiu seu apelido. "Na minha época, não se media a velocidade do chute. Mas as minhas cobranças de falta eram comparadas as de Nelinho, Rivelino e Eder (três exímios cobradores da década de 70). O curioso é que eu fiz poucos gols com a camisa do São Paulo. Mas, com certeza, assustei muitas barreiras (risos)."

COMISSÃO ORGANIZADORA DO III ENCONTRO DE EX-JOGADORES

Ayrton Fernandes Alves
Affonso Covello Netto
Alexandre Fernandes Alves
Antônio Luiz Belardo
Edna Dutra
Eduardo Ávila Morato
Irineu Faria
Rodrigo Santos Martinez
Sheila Marisia Artoni
Vicente Toledo Ladeira



Da esq. para dir.: ex-governador José Maria Marin, conselheiro Ayrton Fernandez, ex-governador, ex-presidente e patrono do clube Laudo Natel e o presidente Marcelo Portugal Gouvêa



Getúlio



Suly



Dario Pereyra



Palhinha



Pedro Rocha



Peixinho



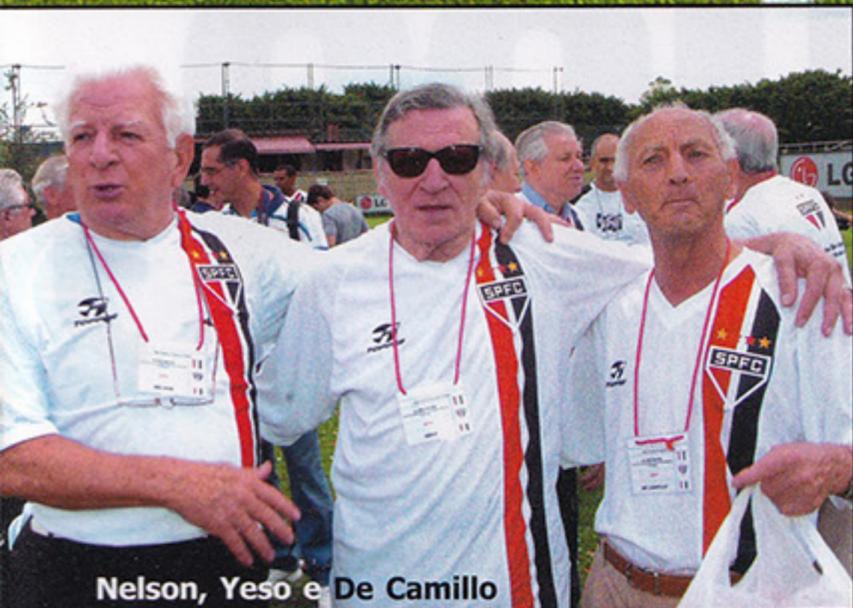
Wagner Basílio



Sidnei



Waldir de Moraes



Nelson, Yeso e De Camillo



Bellini e Rai



Almir "Quati"



Airton



Marcelo Portugal Gouvêa e Serginho Chulapa

"O São Paulo esta dando um exemplo para os outros clubes, que deveriam fazer o mesmo por seus ex-atletas"

SERGINHO CHULAPA, maior artilheiro da história do clube com 242 gols



Roberto Dias



Bauer



Carboni



Chicão



Zé Carlos Serrão



Casagrande

"Sendo ou não campeão, o ex-jogador merece e precisa desse reconhecimento"

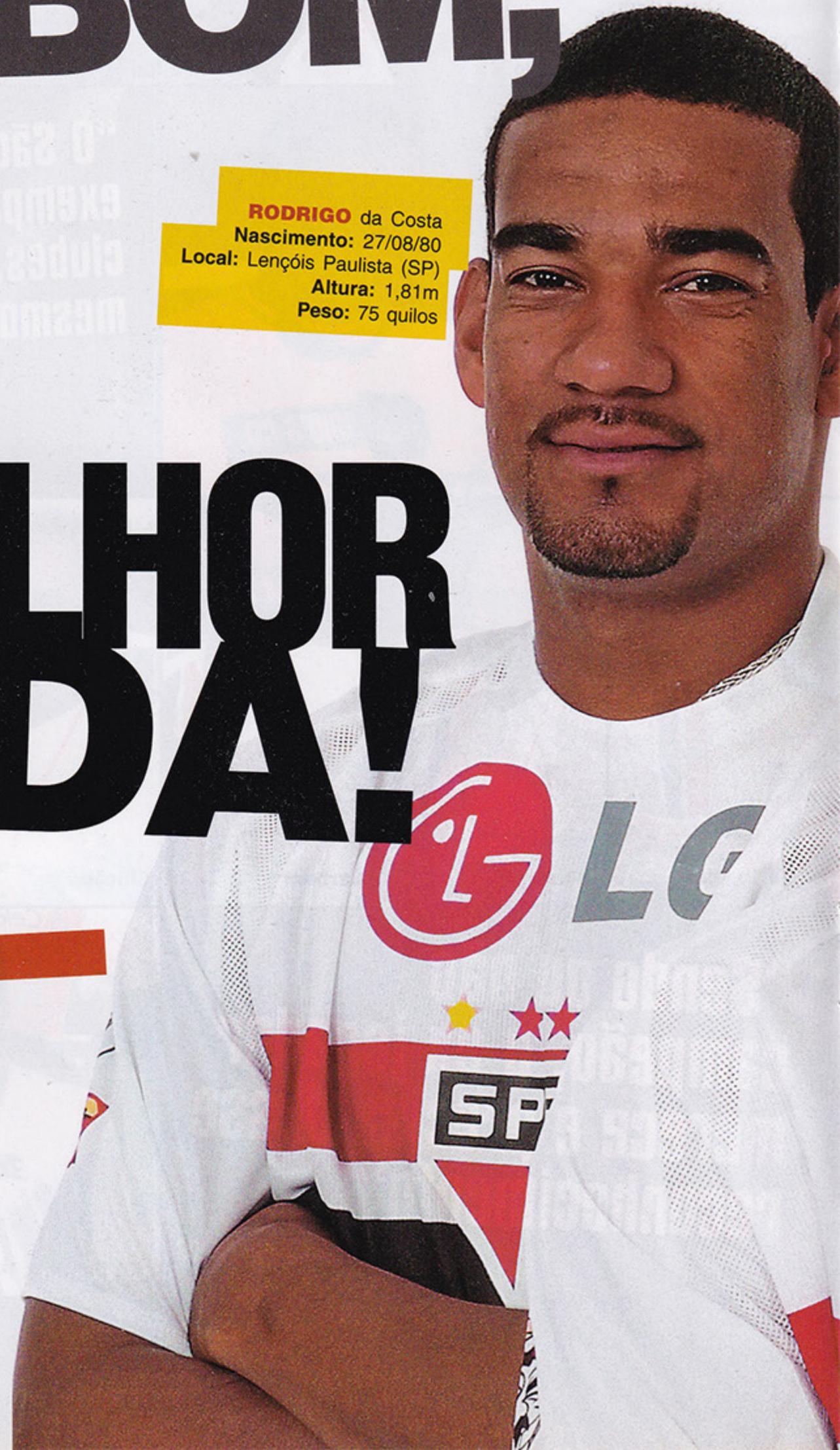
ZÉ SÉRGIO, ponta-esquerda



Zé Sérgio e Paulo César Capeta

1. É pouco, 2. É bom, 3. É O MELHOR AINDA!

RODRIGO da Costa
Nascimento: 27/08/80
Local: Lençóis Paulista (SP)
Altura: 1,81m
Peso: 75 quilos



POR HUGO CILO E CARLOS MESQUITA

Fabão, Rodrigo e Diego Lugano puseram ordem na casa. Com o sistema 3-5-2, adotado por Emerson Leão na temporada 2004, levantaram um paredão à frente dos ataques adversários. E, de quebra, formaram a melhor zaga do clube dos últimos dez anos

José Fábio Alves
Azevedo **FABÃO**
Nascimento: 15/06/76
Local: Vera Cruz (BA)
Altura: 1,87m
Peso: 80 quilos

DIEGO Alfredo
LUGANO Moreno
Nascimento: 02/11/80
Local: Canelones (Uruguai)
Altura: 1,88m
Peso: 85 quilos

1 é pouco, **2** é bom, **3** é melhor AINDA!

Durante certo período, a nação são-paulina acompanhou, apreensiva, um dilema que, para desespero tricolor, parecia não ter fim. Tentava-se superá-lo de todas as maneiras. Vários jogadores chegavam, trazendo a expectativa, e a esperança, de que iriam resolver o problema. Mas, depois de poucas partidas, o que se via em campo não convencia. As atuações ficavam muito aquém da tradição e da exigência natural de um clube de ponta do futebol mundial.

A cada contratação consumada, um "xerifão" que, em tese, acabaria com a fragilidade do sistema defensivo. Ninguém, entretanto, era capaz de, no toque de bola e na garra, aproximar-se das façanhas de duplas como Jurandir e Roberto Dias, Dario Pereyra e Oscar Bernardi, Adílson e Ricardo Rocha ou Ronaldão e Antônio Carlos. Desde a era Telê, o São Paulo buscava soluções. Diversos atletas vieram, como Sorlei, Pedro Luís, Wilson, Emerson, Regis e Ameli,

entre outros. Não vingaram, porém. Paralelamente, jovens das categorias de base iam sendo promovidos. Alguns obtiveram relativo sucesso, como Bordon, hoje incontestável na Alemanha; e Edmilson, que de volante passou a eficiente zagueiro – lá fora, tornou-se multicampeão pelo Lyon, da França, e pentacampeão com a seleção brasileira na Ásia em 2004. Outros, contudo, não emplacaram.

O São Paulo, sem alardear, continuou a procura. O primeiro passo para formar a defesa atual foi dado em março de 2003, quando, discretamente, o uruguaio Diego Lugano aportou ao Morumbi. A equipe ainda era comandada por Oswaldo de Oliveira. Naquela mesma temporada, mas sob a batuta de Roberto Rojas, o Tricolor classificou-se para a Libertadores 2004. Objetivando disputar o principal campeonato das Américas, o clube intensificou sua busca por atletas. Na lista, os meias Vélber e Danilo, os atacantes Jean e Grafite, o lateral Cicinho e os zagueiros Fabão e Rodrigo, que, já com Cuca, treinador contratado na mesma época, começaram a mostrar que, finalmente, eram uma dupla confiável.

Aos poucos, os dois conquistaram

credibilidade. No Campeonato Paulista de 2004, por exemplo, o time tomou apenas sete gols em dez jogos. Enquanto isso, Lugano treinava forte. Ele é daqueles que, após as atividades, ficam em campo aperfeiçoando fundamentos. "Sempre há algo para aprender e corrigir. Tenho de investir na minha profissão. Mas tudo isso é prazeroso", explicou à reportagem da **Revista Oficial do São Paulo** nos primeiros meses de casa.

Depois de um período, Fabão e Rodrigo receberam, com a chegada de Leão - e a adoção do sistema 3-5-2 -, o reforço de Lugano, até então reserva. Se a equipe com os dois mantinha elevado nível, com os três, para desespero dos adversários, deslançou no Campeonato Brasileiro 2004. A defesa são-paulina foi a menos vazada. A agremiação tomou 43 gols em 46 partidas. Esses números, entretanto, asseguraram outra condição ao trio são-paulino: a de melhor defesa do clube nos últimos dez anos. Somente em 1993, o time teve desempenho semelhante. Em 1991, a equipe também foi bem. Os comandados de Telê Santana

levaram 15 gols em 23 partidas.

Apesar do ótimo panorama, o esquema do técnico são-paulino pode ser diferente em 2005. Ele ainda não se decidiu se continua com o 3-5-2 ou se implementa o 4-4-2. "Até o início da temporada, terei tempo para pensar", revela. Diego Lugano está tranquilo e garante que não haverá problemas caso sejam feitas modificações. "Se ele resolver mudar, vamos aceitar, é claro." Para esquentar ainda mais a disputa por uma vaga, até Edcarlos, primeiro reserva da posição, tem mostrado, sempre que necessário, segurança e seriedade, características que agradam em cheio ao exigente Leão.

Rodrigo está pronto para a batalha. Em matéria do jornal

"Quando vou para a área, tento fazer o meu"
FABÃO

SEM DEIXAR OS ÂNIMOS ESFRIAREM

RODRIGO e Fabão acertaram a zaga são-paulina no começo da temporada 2004. Natural de Lençóis Paulista, o primeiro veio da Ponte Preta (Campinas). O segundo, baiano de Vera Cruz, estava no Goiás. Os dois deram consistência ao setor defensivo do São Paulo Futebol Clube ainda no esquema tático de Cuca. A estabilidade e a segurança demonstrada por eles despertaram o interesse do Shakhtar Donetsk. No meio do ano, o clube da gélida e distante Ucrânia esboçou o desejo de desembolsar alguns milhões de dólares para contar com a dupla. A negociação, que arrastou-se durante algumas semanas, não se concretizou. Apesar disso, eles mantiveram-se animados. Exibindo o futebol que produziram nos primeiros instantes de clube e, com o reforço de Lugano, formaram uma das melhores defesas do futebol brasileiro da atualidade.





A galera são-paulina proporcionou belas festas nas arquibancadas do Estádio do Morumbi. No próximo ano, tem mais.





Na última partida em casa, em 12 de dezembro, no empate por 1 x 1, diante do Flamengo, o time se despediu de sua torcida com esta formação:

Em pé ROGÉRIO CENI, FABÃO, RODRIGO, DIEGO LUGANO, CÉSAR SAMPAIO, FÁBIO SANTOS e GRAFITE **Agachados** DIEGO TARDELLI, CICINHO, DANILO e RENAN



Sobre o escudo do clube no Estádio do Morumbi, os jogadores são-paulinos comemoram a vitória sobre o Palmeiras, pelo Brasileiro 2004. O Tricolor paulista ganhou de virada



Estado de São Paulo, avisou: "Vou dar a vida este ano (2005), pois odeio o banco de reservas". Lugano mantém a postura leal em relação a seus companheiros. Garante, no entanto, que trabalhará muito para permanecer entre os titulares. "Aqui, temos bons zagueiros. Sou apenas mais um.

No fundo, sei que preciso lutar para conquistar e manter meu espaço."

POUCO TEMPO ATRÁS...

Nos últimos tempos, enquanto o impasse da defesa não era resolvido, os apaixonados pelo São Paulo sofriam. E ficavam de olhos voltados, e bem abertos,

Bola cheia

DIEGO LUGANO chegou de mansinho. No começo, suportou críticas duras. Foi paciente até poder mostrar à torcida e à imprensa por que viera. Hoje, depois de certo tempo de casa, desfruta outro status. É atleta da seleção uruguaia e um dos principais ídolos da nação tricolor. "Sinto muito orgulho de atuar no São Paulo, que me abriu as portas para a seleção. Atualmente, sou reconhecido e respeitado", acredita. "Nem sempre as TVs transmitem diretamente os jogos do Tricolor, mas acho que eles mandaram observar minhas atuações", supõe Lugano, que, no dia seguinte à vitória sobre o Paraguai, pelas eliminatórias sul-americanas para a Copa do Mundo-2006, na Alemanha, já pisava, cedo, no CT da Barra Funda. E, pelo visto, não demonstrava cansaço algum, apesar da maratona. "Estou sempre disposto a batalhar pelo meu time", garante. Até o fechamento deste número, o zagueiro discutia a renovação de seu contrato com a diretoria. Afora isso, era disputado por três marcas de material esportivo. E também poderia virar garoto-propaganda de uma rede de supermercados.



DE VOLTA AOS BONS TEMPOS
Desde a década de 90, melhor momento de sua história, o São Paulo Futebol Clube não formava uma defesa tão forte quanto a atual

de prontidão

Das categorias de base, **Edcarlos** surgiu como excelente opção. Hoje, tem sido o nome mais constante quando um dos titulares não pode jogar. Já recebeu elogios de Leão e dos companheiros por conta da seriedade. Mas o São Paulo conta com mais dois atletas de defesa. Flávio Donizeti da Costa também foi formado no clube. Chegou à equipe principal com 20 anos. Em 2 de junho, estreou em amistoso contra os americanos do LA Galaxy, oportunidade em que os brasileiros venceram por 1 a 0. Entretanto, na temporada 2004, em virtude das boas atuações dos companheiros de setor, pouco foi utilizado. O outro é Alex Bruno Costa Fernandes, um dos destaques do Santo André, campeão da Copa do Brasil-2004. Contratado em agosto, também por causa do desempenho de Fabão, Lugano e Rodrigo, ainda não teve muitas oportunidades.



reserva pé-quente

Além de ter conquistado a credibilidade de Emerson Leão, Edcarlos tem outra característica que chama a atenção. Quando entra, quase sempre o São Paulo consegue resultados positivos. No Brasileiro 2004, participou de 11 partidas até a que o SPFC fez com o Vitória. Com ele em campo, o time perdeu apenas do Cruzeiro.

PARTIDAS QUE EDCARLOS DISPUTOU NO BRASILEIRO 2004 ATÉ 5 DE DEZEMBRO

23/5 – CRUZEIRO 2 X 1 SPFC
(Substituiu Ramalho no intervalo)
6/7 – SPFC 1 X 0 ATLÉTICO-MG
(Começou, mas foi substituído por Grafite)
28/7 – JUVENTUDE 1 X 2 SPFC
(Começou, mas foi substituído por Vélber)
1/8 – INTER 1 X 1 SPFC (Titular)
19/8 – SPFC 2 X 0 CRICIÚMA (Titular)
6/10 – PONTE PRETA 1 X 0 SPFC (Titular)
7/11 – SPFC 5 X 2 BOTAFOGO
(Começou, mas foi substituído por Souza)
14/11 – VASCO 0 X 0 SPFC (Titular)
21/11 – SPFC 4 X 0 JUVENTUDE
(Substituiu Fabão no decorrer da partida)
28/11 – SPFC 2 X 1 INTERNACIONAL
(Substituiu Fabão no decorrer da partida)
05/12 – SPFC 4 X 1 VITÓRIA (Titular)

RAIO X DOS RESERVAS

EDCARLOS Conceição Santos
Nascimento: 10/05/1985
Local: Salvador (BA)
Altura: 1,83m
Peso: 78 quilos

FLÁVIO Donizeti da Costa
Nascimento: 16/01/84
Local: Itapeverica da Serra (SP)
Altura: 1,83m
Peso: 83 quilos

ALEX Bruno Costa Fernandes
Nascimento: 09/05/1982
Local: São Paulo (SP)
Altura: 1,89m
Peso: 79 quilos

1 é pouco, **2** é bom, **3** é melhor AINDA!



números desde 1971

ANO	JOGOS	GC	MÉDIA DE GOLS SOFRIDOS POR JOGO
1971	27	23	0,85
1972	28	32	1,14
1973	40	22	0,55
1974	24	15	0,63
1975	28	21	0,75
1976	13	13	1,00
1977	21	15	0,71
1978	26	25	0,96
1979			
1980	18	22	1,22
1981	23	15	0,65
1982	18	23	1,28
1983	22	17	0,77
1984	14	14	1,00
1985	20	39	1,95
1986	34	22	0,65
1987	15	12	0,80
1988	23	18	0,78
1989	19	16	0,84
1990	25	18	0,72
1991	23	15	0,65
1992	25	23	0,92
1993	20	17	0,85
1994	27	35	1,30
1995	23	23	1,00
1996	23	32	1,39
1997	25	32	1,28
1998	23	35	1,52
1999	26	35	1,35
2000	26	38	1,46
2001	28	36	1,29
2002	27	40	1,48
2003	46	67	1,46
2004	46	43	0,93

“A defesa foi uma de nossas armas em todo o campeonato”
RODRIGO

ao setor. Críticas implacáveis não davam chances aos candidatos, que não se cansaram de colecionar performances questionáveis.

No entanto, ninguém ficou mais preocupado com a situação da zaga que Rogério Ceni. Na condição de atleta mais experiente do grupo, teve de desdobrar-se para evitar o pior em diversas oportunidades. Sem ser santo, operou legítimos milagres. Até mesmo marcou incríveis gols de falta. Mas, em outras ocasiões, não pôde segurar, sozinho, o ímpeto dos adversários. Agora, entretanto, a história mudou. Ceni está bem protegido, independentemente de quem esteja à sua frente, já que pode contar com profissionais de ótima estirpe. “O São Paulo é o time mais preparado em termos de za-

gueiro,” afirma. “Nunca atuei com uma defesa tão boa.”

Afora isso, o goleirão, capitão tricolor, credita o êxito ao fato de todos se entenderem em campo. Lugano reafirma a tese do camisa um. “O time, no geral, está com bom entrosamento. Isso nos dá bastante segurança na defesa.” Embora o trio tenha acumulado dados positivos até o fim do Brasileiro, a rotina na Barra Funda foi de trabalho intenso. Mas, nas últimas rodadas, eles foram poupados das cobranças de falta e dos chutes a gol. Leão não queria que as contusões surpreendessem ninguém.

COMPARAÇÕES

Juntando as características de cada um - Rodrigo possui estilo técnico, Fabão não se intimida em dar chutões para frente a fim de afastar o perigo da área e Lugano é a personificação da raça -, a zaga colaborou para que o São Paulo conseguisse ficar entre os primeiros num disputado torneio nacional. E, conseqüentemente, abocanhasse uma vaga na Libertadores 2005.

Apesar das particularidades e do sucesso, eles sabem que o “chefe” tem preferência por defensores que não enfeitam. Que fazem o básico com segurança. O treinador gosta de desarmes sem violência. “A defesa foi uma de nossas armas em todo o campeonato”, opina Rodrigo.

Além de tudo isso, os três têm outra característica pouco comum a defensores. Sempre que podem, lançam-se ao ataque em busca do gol. Já fizeram em inúmeras partidas. Fabão, por exemplo, marcou tentos importantes, como o de cabeça contra o Corinthians, pelo Paulista de 2004; ou então o da vitória por 2 a 1 sobre o Alianza, pela Libertadores. "Nem sempre vou marcar, pois minha responsabilidade maior é defender. Mas, quando vou para a área, tento fazer o meu", arremata Fabão, especialista em bater faltas de longa distância.

Promovendo exibições de gala como antigos craques da posição, inevitavelmente as comparações começaram a surgir. Impossível não enxergar em Lugano predicados semelhantes aos de seu conterrâneo Dario Pereyra, um dos ex-zagueiros tricolores que se tornaram referência no futebol mundial. Mesmo não tendo visto Dario atuar, pois era jovem demais, Lugano impressiona-se com o que ouve. "Esse uruguaio deve ter jogado muita bola, porque todo mundo fala dele. É muito difícil um zagueiro ser reconhecido assim",

admira-se. "Até hoje me surpreendo na rua. Quando se fala de zagueirão, pegando taxi, independentemente de ser corintiano, palmeirense ou são-paulino, Dario Pereyra é nome certo." Assim como Dario, Lugano joga limpo. Apesar de seu setor ser de proteção, o que implica muita marcação, jamais tomou cartão vermelho.

O parâmetro em relação a Fabão é outro, mas também de enorme envergadura. Trata-se de um monstro sagrado que ganhou Libertadores, Mundial Interclubes e defendeu a seleção brasileira: Ronaldão. Em ação, o ex-defensor era praticamente uma muralha. Por conta do físico avantajado, ninguém o vencida. Nas jogadas mais difíceis, nunca ficava em dúvida: o bico da chuteira mandava a bola para bem longe da meta tricolor, para o mato, como se diz na linguagem dos boleiros. "Essa comparação é boa. Ele foi uma pessoa importante", orgulha-se o também vigoroso Fabão. "Sempre quando olho os pôsteres dos times campeões do mundo do São Paulo, fico bastante alegre quando o vejo ali. Quem sabe eu não apareça num desses (risos)."

Seriedade: Rodrigo, Lugano e Fabão não deram moleza aos adversários na temporada 2004



No nosso terreiro, ninguém canta de galo

A tradição mostra que nossa zaga sempre cantou de galo num espaço divinamente iluminado por deuses que, a história confirma, não admitem a incômoda presença de demônios no quintal tricolor. Isso ocorre desde os tempos do famoso e inesquecível trio Rui, Bauer e Noronha, nos anos 50. De lá para cá, os donos absolutos da área deitam e rolam na cara dos inimigos. Como a lista de heróis passa dos limites normais, seria impossível relacionar todos os nomes neste curto espaço. Vamos, então, falar apenas de defesas envolvidas nas campanhas mais recentes da fantástica vida do SPFC.

É desnecessário lembrar - pois os torcedores já sabem disso - que Tecão e Bezerra compunham a afinadíssima dupla de defesa na conquista do título brasileiro de 1977. O detalhe é que Bezerra era um lateral-esquerdo que transformou-se num dos principais zagueiros do País naquele período. O técnico Rubens Minelli decidiu improvisá-lo. E não se arrependeu, já que o jogador impunha-se pela incrível liderança que possuía. Um dia, porém, uma impiedosa doença de risco truncou a carreira do grande cacique.

Um mergulho atento num passado recente reencontra os insuperáveis Jurandir e Roberto Dias no título estadual de 1970. De repente, um problema cardíaco brecou a rota do refinado Roberto Dias, que era imbatível. Pelé o considerava seu melhor marcador. Precisa dizer mais alguma coisa?

Em 1971, Jurandir teve como parceiro Arlindo. Os dois deram seqüência às façanhas do clube. Quatro anos mais tarde, Arlindo e Paranhos assumiram a responsabilidade na zona de perigo. Em 1980, a diretoria tirou Oscar Bernardi da Ponte Preta e Dario Pereyra do Uruguai. Pronto: o Tricolor acabava de descobrir a infalível receita da perfeição no torneio estadual daquele ano.

Em 1981, os donos da bola eram Gassem, filho de libaneses, e Dario. Entretanto, no Paulistão de 1985, Oscar Bernardi, que retornou de uma passagem pelo Cosmos de Nova York, e Dario reencontraram-se para comandar a defesa na farra do bicampeonato paulista. O time sobrava em campo. Em 1986, Wagner Basílio e o uruguaio deram as cartas na finalíssima do Campeonato Brasileiro.

Adílson e Ricardo Rocha, em 1989, foram os nomes que marcaram a defesa são-paulina. Já em 1991, a responsabilidade foi passada a Antônio Carlos. Ele e Rocha encarregaram-se de levantar um bloqueio que adversário nenhum conseguia furar.

Na seqüência, Ricardo Rocha saiu. E Antônio Carlos teve como parceiro Ronaldão, que, em 1992, ao lado de Adílson, ajudou o clube a comemorar o Mundial Interclubes diante do todo-poderoso Barcelona em Tóquio, no Japão. No ano seguinte, foi a vez de Válber e Ronaldão manterem a casa em ordem. Os dois estavam naquele time que conquistou o bicampeonato Interclubes em cima do fortíssimo Milan. Desde então, vários passaram pelo setor. Em 2000, naquela equipe que conquistou o Campeonato Paulista em cima do Santos, Edmilson, inicialmente volante, brilhou. Seu parceiro foi Rogério Pinheiro. Agora, Diego Lugano, Fabão e Rodrigo acabaram de entrar para a galeria das defesas memoráveis do grandioso São Paulo Futebol Clube.

Por onde

O ex-goleiro
atualmente...

Santo milagreiro

Um dos maiores e mais queridos goleiros da história do São Paulo Futebol Clube, **SÉRGIO WAGNER VALENTIN** marcou época contribuindo, decisivamente, para a conquista do bicampeonato Paulista de 70/71

Por Fernando Savaglia
Colaborou Raul Snell Jr.

"Essa história de santo começou contra o Corinthians, que jogava 90 minutos dentro da nossa área e não fazia gol. E, ainda, perdia por 1 a 0. Mas eles chutavam em cima de mim. E, quando batiam meio de lado, a bola pegava na trave (*risos*)", diverte-se o ex-arqueiro tricolor, ao relembrar a origem de seu apelido: São Sérgio Valentin.

Ele iniciou carreira em 1964, defendendo o Esporte Clube São José. Coincidentemente, era o primeiro campeonato oficial da

equipe do Vale do Paraíba. O time estreava na Terceira Divisão do Paulista.

Campeão no mesmo ano, destacou-se num amistoso contra o próprio São Paulo. O arqueiro de 1,80m chamou a atenção da diretoria tricolor. Em agosto de 1966, o jovem atleta chegou ao Morumbi para disputar posição. "Quando cheguei, jogava o Fábio. O Suly era reserva e o Raul Plasman tinha acabado de transferir-se para o Cruzeiro. Naquele momento, eu era o terceiro goleiro."

Na primeira passagem pelo Tricolor, disputou um único jogo,

substituindo Fábio, que era o titular. No ano seguinte, foi emprestado ao Taubaté para, em seguida, defender o Paulista de Jundiaí, time com que sagrou-se campeão da Segunda Divisão Paulista. No retorno ao São Paulo, no início de 1970, conseguiu firmar-se. Sem ganhar um único título de expressão por 13 anos, a equipe partiu, com todas as forças que possuía, em busca da taça. Estava começando a surgir a lenda de "São Sérgio Valentin".

Dono de muita técnica, consagrou-se por praticar verdadeiros milagres sob as traves do São Paulo. "Fomos muito regulares naquela temporada. Ganhávamos de pouco, mas ganhávamos", ressalta. Quanto à questão de um grande goleiro ter sorte, Valentin manda de primeira: "Não sei se é ter sorte ou se, quando o goleiro está numa boa fase, os atacantes, por respeito, acabam exagerando no preciosismo e erram. Mas o inverso também acontece. Quando você está mal, todo mundo arrisca do meio-de-campo".

Foi, justamente, nessa época que os camisas número um começaram a ter treinamento diferenciado dos outros companheiros. "Eu treinava com o preparador físico Hélio Máfia e com o Poy. O goleiro é diferenciado. Tem de ter treinamento especial mesmo. É importante ter um ex-arqueiro na função. Até para entender o aspecto psicológico. Afinal, só um ex-atleta da posição pode entender o drama que é falhar num lance. Eu mesmo perdi algumas noites de sono por conta dos meus erros. Pois sou perfeccionista."

Sérgio disputou duas Libertadores pelo Tricolor. E recorda-se de aspectos da competição bastante típicos daquela época. "A Libertadores de antes era bem diferente das de hoje. Sempre se dava um jeito de as equipes argentinas disputarem o segundo jogo em casa. Os atletas deles catimbavam barbaridade. Às vezes, a bola estava num determinado lugar do gramado e os caras batendo em outro sem que o juiz falasse nada. Era praticamente impossível ganhar."

POLÊMICAS À PARTE...

Em 1971, Sérgio era o arqueiro do Tricolor quando aconte-

ceu o famoso lance, na final do Paulista, no qual o atacante Leivinha, do Palmeiras, teve um tento anulado por Armando Marques. De acordo com o árbitro, o camisa oito do arquirival teria usado as mãos em vez da cabeça. "Essa discussão durou anos. Depois que parei, fui dono de uma transportadora. Me lembro que, certa vez, fui para uma reunião de negócios na Philips, em que fiquei mais de uma hora discutindo com alguns diretores palmeirenses se o gol foi ou não com a mão. Para acertarmos o contrato, levamos apenas 15 minutos (risos). O que pouca gente fala é que, mesmo com a validação daquele tento, o São Paulo seria campeão", argumenta. "O Leivinha sabe que fez o gol de maneira irregular e, mesmo que não tenha sido, vou falar para sempre que foi com a mão (risos)."

Ao todo, Sérgio usou o clássico uniforme negro, com o distintivo do São Paulo no peito, 245 vezes. E fez partidas memoráveis, que lhe valeram um lugar de destaque na história do clube.

Em 1972, Valentin foi convocado para defender a seleção brasileira. Mas, segundo ele, foi vítima do jornalismo bairrista característico do período, ficando fora da equipe que disputou um amistoso. "O Félix machucou-se. Então fui chamado para me apresentar no Rio de Janeiro. Dentro do avião, comecei a ler um jornal carioca que dizia que eu estava brigando com os diretores da CBD (entidade que dirigia o futebol nacional). Como isso poderia ter acontecido, se eu nem sequer tinha chegado lá?", pergunta o ex-arqueiro.

Em 1975, ele teve o passe vendido ao Corinthians, que defendeu por dois anos até mudar-se para o Coritiba. Em 1980, Sérgio encerrou carreira no time que o revelou, o São José. Assim que abandonou os gramados, passou a dedicar-se à sua transportadora. Durante 11 anos foi assim. Depois, montou um comércio que administrou por mais dez anos. Em 1999, treinou o Taubaté Esporte Clube, fato que se repetiu em 2001. Hoje, "São Sérgio Valentin" está aposentado.



... e nos velhos tempos, com seu clássico, e belo, uniforme preto

SÉRGIO WAGNER VALENTIN

NASCIMENTO: 22/05/45

LOCAL: Chavantes (SP)

DATA DE ENTRADA NO CLUBE: 01/08/66

DATA DE SAÍDA: 11/01/75

JOGOS DISPUTADOS PELO SPFC: 245

GOIS SOFRIDOS: 149

TÍTULOS PELO SPFC: Bicampeão Paulista de 70 e 71

OUTROS CLUBES QUE DEFENDEU: São José, Taubaté, Corinthians e Coritiba

“O Leivinha sabe que fez o gol de maneira irregular e, mesmo que não tenha sido, vou falar para sempre que foi com a mão (risos)”

→ A partir da suada vitória sobre o Palmeiras, o São Paulo **DESLANÇOU NA COMPETIÇÃO**. Ganhou várias partidas seguidas e tomou poucos gols

BRASILEIRÃO 2004

Comemoração
diante do Palmeiras:
Cicinho garantiu
a vitória



São Paulo 2 X 1 Palmeiras

34º JOGO

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Rodrigo, Fabão e Diego Lugano; Cicinho, César Sampaio (Alê), Renan, Danilo (Diego Tardelli), Nildo (Souza) e Júnior; Grafite • **Técnico:** Emerson Leão

PALMEIRAS

Sérgio; Baiano, Daniel, Nen e Lúcio; Marcinho, Alceu (Diego Souza), Claudécir e Elson (Adãozinho); Pedrinho e Osmar • **Técnico:** Estevam Soares

Gols: Osmar aos 41min do primeiro tempo; Nildo a 1min e Cicinho aos 47min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Fabão, Cicinho, Alê, Grafite, Diego Lugano e Rodrigo; Pedrinho e Claudécir • **Juiz:** Sálvio Espínola Fagundes Filho • **Data:** 02/10 • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

Atlético-MG 0 X 5 São Paulo

36º JOGO

ATLÉTICO-MG

Danrlei; Wagner (Marcelinho), Thiago Júnior, Zé Luís e Rubens Cardoso; Emerson, Zé Antônio, Walker (André Luis) e Renato; Rodrigo Fabri, Alex Mineiro •

Técnico: Mário Sérgio

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Fabão, Diego Lugano e Rodrigo; Cicinho, Renan, Alê (Ramalho), Danilo (Souza) e Júnior; Grafite e Jean (Diego Tardelli) • **Técnico:** Emerson Leão

Gols: Grafite aos 5min, Danilo aos 10min, Grafite aos 18min e aos 28min do primeiro tempo; Danilo aos 7min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Alê e Diego Lugano • **Juiz:** Luís Alberto Sardinha Bites • **Data:** 17/10 • **Local:** Estádio Independência, Belo Horizonte (MG)

Ponte Preta 0 X 1 São Paulo

35º JOGO

PONTE PRETA

Lauro; Luís Carlos (Danilo), Alexandre e Gustavo; André Cunha, Marcus Vinícius, Romeu, Lindomar e Bill; Roger (Júlio César) e Alecsandro • **Técnico:** Nenê Santana

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Edcarlos, Alex e Rodrigo; Cicinho, Alê, Renan, Danilo (Ramalho), Nildo (Souza) e Júnior; Grafite • **Técnico:** Emerson Leão

Gol: Grafite aos 23min do primeiro tempo • **Cartões amarelos:** Gustavo, Romeu, Luís Carlos e Júlio César; Edcarlos • **Juiz:** Cleber Wellington Abade • **Data:** 06/10 • **Local:** Estádio Moisés Lucarelli, Campinas (SP)

São Paulo 1 X 0 Santos

37º JOGO

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Fabão, Diego Lugano e Rodrigo; Cicinho, Alê, Renan, Danilo (César Sampaio) e Júnior (Fábio Santos); Grafite e Diego Tardelli (Nildo)

Técnico: Emerson Leão

SANTOS

Mauro; Paulo César, Leonardo, André Luís e Léo; Fabinho (Marcinho), Preto Casagrande (Zé Elias), Ricardinho e Elano (Basílio); Robinho e Deivid • **Técnico:** Vanderlei Luxemburgo

Gol: Grafite aos 31min do primeiro tempo • **Cartões Amarelos:** Renan, Rodrigo, Fabão, Grafite e Fábio Santos; Basílio e Preto Casagrande • **Juiz:** Wilson Luís Seneme • **Data:** 24/10 • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

➔ No Morumbi, a equipe da casa enfiou quatro gols no Juventude. **SOUZA** (foto) marcou duas vezes, Diego Tardelli e Marcio também fizeram

Figueirense 1 X 0 São Paulo

38º JOGO

FIGUEIRENSE

Édson Bastos; Paulo Sérgio, Márcio Goiano, Cléber e André Santos; Jeovânio, Alexandre Gaúcho (Nenê), Carlos Alberto e Bilu; Romualdo (Galeano) e Genílson (Vágner) • **Técnico:** Dorival Junior

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Fabão, Diego Lugano e Rodrigo; Cicinho, Alê, Renan, Danilo (Diego Tardelli) e Júnior (Fábio Santos); Grafite e Nildo (Vélber) • **Técnico:** Emerson Leão

Gol: Genílson aos 24min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Jeovânio, Alexandre Gaúcho e Vágner; Renan e Danilo • **Juiz:** Luciano Augusto Almeida

Data: 30/10 • **Local:** Estádio Orlando Scarpelli, em Florianópolis (SC)

São Paulo 4 X 2 São Caetano

39º JOGO

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Fabão, Diego Lugano e Rodrigo; Cicinho, Alê, Renan, Danilo e Júnior; Grafite e Nildo (Jean) (César Sampaio) • **Técnico:** Emerson Leão

SÃO CAETANO

Silvio Luiz, Dininho, Marcos Aurélio e Serginho (Jonas) (Fernando Baiano), Anderson Lima, Mineiro, Paulo Miranda, Marcinho e Ceará; Euller e Fabrício Carvalho • **Técnico:** Péricles Chamusca

Gols: Danilo aos 16min, Júnior aos 17min, Grafite aos 22min, Marcinho aos 24min, Anderson Lima aos 29min, Rodrigo aos 33min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Rogério Ceni, Fabão e Diego Lugano; Fabrício Carvalho, Paulo Miranda, Ceará, Rodrigo e Dininho • **Juiz:** Cleber Wellington Abade • **Data:** 03/11 • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

São Paulo 5 X 2 Botafogo

40º JOGO

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Fabão, Diego Lugano e Edcarlos (Souza); Cicinho, César Sampaio, Alê, Danilo e Júnior; Nildo (Diego Tardelli) e Grafite • **Técnico:** Leão

BOTAFOGO

Jefferson; Ruy, João Carlos, Scheidt e Jorginho Paulista; Fernando, Tiago Xavier, Valdo e Elvis (Almir); Caio e Schwenck (Alex Alves) • **Técnico:** Paulo Bonamigo

Gols: Grafite aos 30min e Caio aos 36min do primeiro tempo; Cicinho aos 29min, Diego Tardelli aos 30min e 46min, Grafite aos 31min e César Sampaio, contra, aos 34min do segundo tempo • **Cartões Amarelos:** Diego Lugano; Scheidt e Jorginho Paulista • **Juiz:** Carlos Eugênio Simon • **Data:** 07/11 • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

Vasco 0 X 0 São Paulo

41º JOGO

VASCO

Cássio; Fabiano, Gomes e Daniel; Thiago (Claudemir), Ygor, Coutinho, Petkovic, Rubens (Marco Brito) e Chiquinho; André Lima (Rodrigo Souto) • **Técnico:** Joel Santana

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Edcarlos, Fabão e Rodrigo; Cicinho, Renan, Ale, Souza (Vélber) e Júnior; Grafite e Diego Tardelli (Márcio) • **Técnico:** Leão

Cartões amarelos: Fabiano, Ygor e André Lima; Grafite • **Juiz:** Lourival Lima Dias Filho • **Data:** 14/11 • **Local:** Estádio de São Januário, Rio de Janeiro (RJ)

São Paulo 4 X 0 Juventude

42º JOGO

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Fabão (Edcarlos), Diego Lugano e Rodrigo; Cicinho, Alê (César Sampaio), Renan, Danilo (Souza) e Júnior; Diego Tardelli e Marcio • **Técnico:** Emerson Leão

JUVENTUDE

Marcelo Pitol; Índio, Naldo e Neto; Jancarlos, Vanderson, Lopes, Raone e Zé Rodolpho; Sandrinho (Lê) e Robson • **Técnico:** Ivo Wortmann

Gols: Marcio aos 21min do primeiro tempo; Diego Tardelli aos 12min, Souza aos 33min e 41min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Renan; Robson e Neto • **Juiz:** Edilson Soares da Silva • **Data:** 21/11 • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)



→ A equipe paulista marcou forte o time do Internacional, que conseguia assustar. Mas, aos 34min do segundo tempo, a estrela de **GRAFITE** brilhou de novo



Danilo abriu o placar contra o Internacional

São Paulo 2 X 1 Internacional

43º JOGO

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Fabão (Edcarlos), Rodrigo e Diego Lugano; Cicinho; Alê, Renan, Danilo e Júnior (Souza); Grafite e Diego Tardelli (Márcio) • **Técnico:** Emerson Leão

INTERNACIONAL

André; Bolívar, Sangaletti e Herbella (Rogério Gaúcho); Cleiton Xavier, Edinho, Wellington, Rodrigo Paulista e Galego; Danilo (Gláucio) e Rafael Sobis • **Técnico:** Muricy Ramalho

Gols: Danilo aos 14min, Sangaletti (contra) aos 32min do primeiro tempo; Grafite aos 34min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Alê e Diego Lugano; Renan, Wellington, Danilo e Bolívar • **Cartões vermelhos:** Souza; Edinho • **Juiz:** Lourival Dias Filho • **Data:** 28 de novembro • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

São Paulo 4 X 1 Vitória

44º JOGO

VITÓRIA

Juninho; Alex Santos, Alex Silva, Milton do Ó e Fabinho (Sandro); Xavier (Amaral), Vinícius (Magnum), Cléber e Arivelton; Gilmar e Obina • **Técnico:** Evaristo de Macedo

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Edcarlos, Diego Lugano e Rodrigo; Cicinho, Renan (Gabriel), César Sampaio, Danilo (Daniel) e Fábio Santos; Grafite e Diego Tardelli (Nildo) • **Técnico:** Emerson Leão

Gols: Diego Tardelli aos 20min e Grafite aos 37min do primeiro tempo; Diego Tardelli aos 11min, Obina aos 41min e Fábio Santos aos 42min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Cléber; Edcarlos • **Juiz:** Leonardo Gaciba da Silva • **Data:** 05/12 • **Local:** Estádio do Barradão, Salvador (BA)

São Paulo 1 x 1 Flamengo

45º JOGO

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Fabão, Diego Lugano e Rodrigo; Cicinho, Renan, César Sampaio (Nildo), Danilo (Souza) e Fábio Santos; Diego Tardelli e Grafite • **Técnico:** Emerson Leão

FLAMENGO

Júlio César; China, Júnior Baiano, André Bahia e Roger; Da Silva, Jônatas, Ibson e Zinho (Athirson); Whelliton (Junior) e Dimba • **Técnico:** Andrade

Gols: Dimba aos 13min e Grafite aos 27min do primeiro tempo • **Cartões amarelos:** Diego Lugano, Nildo e Fábio Santos; Zinho, Julio César, Da Silva e Dimba • **Cartão vermelho:** Da Silva • **Juiz:** Sérgio da Silva Carvalho • **Data:** 12/12 • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

Goiás 2 X 0 São Paulo

46º JOGO

GOIÁS

Harlei; André Dias, Cléber e João Paulo; Paulo Baier (Gustavo), Josué, Danilo Portugal, Rodrigo Tabata e Jadílson; Alex Dias e Leandro (Somália) • **Técnico:** Celso Roth

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Fabão, Diego Lugano e Rodrigo; Cicinho, Alê, Renan, Danilo (Vélber) e Fábio Santos (Daniel Rossi); Diego Tardelli (Souza) e Grafite • **Técnico:** Emerson Leão

Gols: Alex Dias aos 31min do primeiro tempo e Rodrigo Tabata aos 36min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Fabão, Josué, João Paulo, Harlei, Danilo Portugal e André Dias • **Cartão vermelho:** Cicinho • **Juiz:** Lourival Dias Filho (BA) • **Data:** 19/12 • **Local:** Estádio Serra Dourada, Goiânia (GO)

SUL-AMERICANA 2004

→ Em dois jogos extremamente disputados, São Paulo e Santos fizeram um mata-mata empolgante. A vantagem foi do time da Baixada Santista

Santos 1 X 0 São Paulo

3º JOGO

SANTOS

Mauro; Leonardo, André Luís, Ávalos (Ricardinho); Paulo César, Fabinho, Bóvio, Preto Casagrande e Márcio (Léo); Marcinho e William (Elano) • **Técnico:** Vanderlei Luxemburgo

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Alex, Diego Lugano e Rodrigo; Cicinho, Renan, Alê (Gabriel), Danilo e Júnior; Nildo (Diego Tardelli) e Grafite • **Técnico:** Emerson Leão

Gol: Elano aos 31min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Paulo César e Leonardo; Alex • **Juiz:** Carlos Eugênio Simon • **Data:** 10/10 • **Local:** Estádio da Vila Belmiro, Santos (SP)

São Paulo 1 X 1 Santos

4º JOGO

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Fabão, Diego Lugano e Rodrigo; Cicinho, Alê, Renan, Danilo e Júnior (Souza); Grafite e Jean (Rondón) • **Técnico:** Emerson Leão

SANTOS

Mauro; Domingos, Ávalos e Leonardo; Bóvio, Fabinho (Preto Casagrande), Zé Elias (Paulo César), Luís Augusto e Márcio; Marcinho e William (Deivid) • **Técnico:** Vanderlei Luxemburgo

Gols: Rodrigo aos 4 minutos e Preto Casagrande aos 36 minutos do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Diego Lugano, Rodrigo e Grafite; Zé Elias, Luís Augusto e Domingos • **Cartões vermelhos:** Fabão; Ávalos • **Juiz:** Wagner Tardelli • **Data:** 20/10 • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

➔ A principal surpresa do **PAULISTA DE 2005** será a disputa por pontos corridos, como aconteceu no emocionante e equilibrado Brasileiro 2004

PAULISTÃO 2005

Obs.: informações retiradas do site da Federação Paulista de Futebol

JOGOS DO SÃO PAULO NO PAULISTÃO 2005

Rodada	Horário	Mandante	Visitante	Local
Rodada 01 20/jan (quinta)	Horário 20:30h	Mandante SÃO PAULO	Visitante Ituano	Local São Paulo
Rodada 02 23/jan (domingo)	Horário 18:00h	Mandante América FC	Visitante SÃO PAULO	Local São J. do Rio Preto
Rodada 03 27/jan (quinta)	Horário 20:30h	Mandante SÃO PAULO	Visitante Inter Limeira	Local São Paulo
Rodada 04 30/jan (domingo)	Horário 18:00h	Mandante SÃO PAULO	Visitante U. São João	Local São Paulo
Rodada 05 05/Fev (sábado)	Horário 18:00h	Mandante U Barbarense	Visitante SÃO PAULO	Local Santa B. D' oeste
Rodada 06 09/Fev (quarta)	Horário 21:45h	Mandante São Caetano	Visitante SÃO PAULO	Local São C. do Sul
Rodada 07 12/Fev (sábado)	Horário 16:00h	Mandante SÃO PAULO	Visitante Ca Sorocaba	Local São Paulo
Rodada 08 20/Fev (domingo)	Horário 16:00h	Mandante Palmeiras	Visitante SÃO PAULO	Local São Paulo
Rodada 09 24/Fev (quinta)	Horário 20:30h	Mandante SÃO PAULO	Visitante AA Portuguesa	Local São Paulo
Rodada 10 27/Fev (domingo)	Horário 16:00h	Mandante SÃO PAULO	Visitante Corinthians	Local São Paulo
Rodada 11 06/Mar (domingo)	Horário 16:00h	Mandante Paulista	Visitante SÃO PAULO	Local Jundiaí
Rodada 12 12/Mar (sábado)	Horário 16:00h	Mandante SÃO PAULO	Visitante Rio Branco	Local São Paulo
Rodada 13 19/Mar (sábado)	Horário 16:00h	Mandante SÃO PAULO	Visitante Marília	Local São Paulo
Rodada 14 22/Mar (terça)	Horário 20:30h	Mandante Guarani	Visitante SÃO PAULO	Local Campinas
Rodada 15 26/Mar (sábado)	Horário 18:30h	Mandante SÃO PAULO	Visitante Santo André	Local São Paulo
Rodada 16 29/Mar (terça)	Horário 20:30h	Mandante AA Portuguesa	Visitante SÃO PAULO	Local São Paulo
Rodada 17 03/Abr (domingo)	Horário 16:00h	Mandante Santos	Visitante SÃO PAULO	Local Santos
Rodada 18 09/Abr (sábado)	Horário 16:00h	Mandante SÃO PAULO	Visitante Ponte Preta	Local São Paulo
Rodada 19 17/Abr (domingo)	Horário 16:00h	Mandante Mogi Mirim	Visitante SÃO PAULO	Local Mogi Mirim

20 ASSOCIAÇÕES PARTICIPANTES

América Futebol Clube (São José Do Rio Preto)
 Associação Atlética Internacional (Limeira)
 Associação Atlética Ponte Preta (Campinas)
 Associação Atlética Portuguesa (Santos)
 Associação Desportiva São Caetano (São Caetano Do Sul)
 Associação Portuguesa De Desportos (São Paulo)
 Clube Atlético Sorocaba (Sorocaba)
 Esporte Clube Santo André (Santo André)
 Guarani Futebol Clube (Campinas)
 Ituano Sociedade De Futebol Ltda.(Itú)
 Marília Atlético Clube (Marília)
 Mogi Mirim Esporte Clube (Mogi Mirim)
 Paulista Futebol Clube Ltda (Jundiaí)
 Rio Branco Esporte Clube (Americana)
 Santos Futebol Clube (Santos)
SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE (São Paulo)
 Sociedade Esportiva Palmeiras (São Paulo)
 Sport Club Corinthians Paulista (São Paulo)
 União Barbarense Futebol Clube Ltda (Santa Barbara D' oeste)
 União São João Esporte Clube (Araras)



INÍCIO E FIM

O campeonato 2005 terá início em 19 de janeiro e se encerrará em 17 de abril. Serão realizadas 19 rodadas com único turno, no sistema de pontos corridos.

EMPATE

No caso de empate entre duas ou mais associações ao final da competição, o desempate ocorrerá levando-se em consideração os critérios abaixo:
 1º) maior número de vitórias;
 2º) maior saldo de gols;
 3º) maior número de gols marcados;
 4º) vantagem no confronto direto (*exclusivo quando o empate ocorrer apenas entre duas associações*);
 5º) sorteio público na sede da FPF.



Fonte: site oficial da Federação Paulista de Futebol



REFFIS: infra-estrutura de ponta à disposição dos atletas tricolores

Tecnologia

Pensando na saúde de seus atletas, o **SÃO PAULO** desenvolveu um dos mais modernos centros médicos do futebol mundial. Nele, são realizados exames minuciosos que garantem a integridade e também o bom rendimento dos jogadores do clube durante a temporada

Por Hugo Cilo e Malú Souza

A medicina é um dos setores que mais avançam no futebol moderno. Sem economizar, clubes do mundo todo, principalmente os endinheirados da Europa, trabalham, há tempos, para desenvolver tecnologias capazes de aumentar o rendimento de seus atletas, pois o panorama competitivo consolidado no esporte exige cada vez mais do profissional. No Brasil, o Tricolor do Morumbi é uma das agremiações que mais investiram nessa política. Sua equipe conta com profissionais conceituados e experientes,



Pré-temporada: período indispensável para que os jogadores consigam manter-se bem, fisicamente, durante todos os campeonatos do ano

a prevenção

como o fisioterapeuta Luiz Alberto Rosan, o fisiologista Turíbio de Leite Barros, o preparador físico Carlinhos Neves e os médicos Marco Aurélio Cunha e José Sanches; e sua estrutura é reconhecida dentro e fora do País.

Recentemente, pouco antes de transferir-se para o Milan, Kaká passou por um programa científico que rendeu-lhe 11 quilos de massa muscular. Tornou-se forte e rápido. Mas os são-paulinos com mais de 30 anos vão se lembrar de Müller e Sidnei. Na década de 80, ambos esbanjavam vigor pelos campos. Ninguém era ca-

paz de superá-los. Já a figura mais marcante da era Telê em termos de força e velocidade foi Cafu. Ainda hoje, ele impressiona nos gramados mundiais. Parece um garoto incansável em começo de carreira, apesar dos 34 anos. Um pouco mais adiante, mas ainda na mesma década de 90, surgiu Serginho. Atualmente também na equipe milanesa, o lateral, que muito fez ao lado de Denílson pelo setor esquerdo, consagrou-se em virtude dos predicados técnicos e físicos que possuía. Da mesma safra de Kaká saiu o tanque Júlio Baptista. De biótipo advantaja-

do, o volante aproveita-se bem de sua estrutura muscular e faz sucesso na Espanha.

A fundação do Centro de Concentração e Treinamento Frederico Antônio Menzen em 1988, no bairro da Barra Funda, zona oeste de São Paulo, significou boa parte dessa evolução. No CCT, está instalado o Centro Médico e de Fisioterapia Aplicada à Fisiologia de esforço, considerado a mais moderna instalação do gênero em um clube esportivo da América do Sul.

Todos que chegam ao time obrigatoriamente passam por lá para saber quais são suas

condições físicas. "Quando chegamos, fazemos todos os exames para detectar se existe algum problema e, logo que sentimos algum tipo de dor, somos encaminhados ao Centro", conta o meia são-paulino Danilo (veja perfil nesta edição). De acordo com o jogador, a preparação é uma etapa fundamental para o bom desempenho profissional. "Procuro trabalhar forte essa parte sempre porque temos de estar constantemente bem preparados. No meu caso, que sou um jogador pesado, preciso estar com o físico sempre em cima para não ter proble-

DIAS DE GLÓRIA

Não é de hoje que o São Paulo se preocupa com a saúde de seus atletas. O clube é um dos mais cuidadosos há tempos. Prova disso é o caso do ex-jogador Roberto Dias (*ao lado*), que foi afastado, no começo da década de 70, por conta de problemas de coração. O ex-atleta teve um enfarte ainda quando era um dos principais astros da equipe são-paulina. Mas, somente depois de tratamento intensivo, pôde voltar aos gramados para brilhar. "Tive de abandonar o futebol por dois anos. Foi uma coisa horrível. Uma artéria entupiu. Por sorte, aconteceu na minha casa. Na época, todos se voltaram para a importância dos exames no coração", contou o eterno são-paulino – hoje, aos 61 anos, trabalha no clube; é treinador dos filhos dos sócios – à reportagem do *Jornal da Tarde* em recente entrevista. Após recuperar-se, ganhou passe livre do time do Morumbi. Na sequência, foi para o México, onde vestiu a camisa do Jalisco. De volta ao Brasil, defendeu o Dom Bosco (MT), Nacional (SP) e Ceub (DF). Mas ficou pouco tempo em todos.



CASOS QUE ABALARAM

DEZEMBRO 2004	CRISTIANO LIMA JÚNIOR , de 25 anos, jogador do time Dempo Sports Club, da Índia, morre de um suposto ataque cardíaco depois de disputar bola com o goleiro da equipe do Mohun Bagan. O atacante foi retirado de campo ainda vivo, mas não suportou no hospital.
MAIO 2004	BRUNO BAIÃO , de 18 anos, atleta da equipe júnior do Benfica, sofre uma parada cardíaca após treino. Morre depois de passar quatro dias em coma profundo.
JANEIRO 2004	Identificado apenas como ASTREAS , um jogador do Kavlinge, da Quarta Divisão sueca, passa mal no treino de sua equipe. Aos 30 anos, falece por conta de problemas cardíacos.
JULHO 2003	O zagueiro MAX , do Botafogo-SP, morre aos 21 anos depois de sentir-se mal em treino. No hospital da cidade, sofreu parada cardíaca.
1999/2001	Em 15 meses, quatro romenos morrem após sentirem-se mal em campo. STEFAN VRABIORU , do Astra Ploiesti, falece a caminho do hospital. Ele teve um mal súbito minutos depois de ter entrado no gramado para fazer sua estréia na Primeira Divisão, em duelo contra o Rapid Bucareste.
DEZEMBRO 1990	Aos 25 anos, DAVE LONGHURST , do York City, equipe da Inglaterra, torna-se o primeiro atleta a morrer em campo durante jogo na Grã-Bretanha nas últimas cinco décadas.
AGOSTO 1989	Na partida entre Nigéria e Angola, o nigeriano SAMUEL OKWARAJI morre aos dez minutos em virtude de uma hipertrofia cardíaca e um aumento excessivo de pressão.
DEZEMBRO 1973	Outra tragédia em Portugal. Supersticiosos recordam que, aos 13 minutos do 13º jogo do Porto no campeonato, FERNANDO "PAVÃO" PASCOAL caiu morto sobre o gramado.

mas."

O modelo criado pelo São Paulo tem sido exportado para outros clubes do Brasil e do exterior. Especialistas buscam aprimorar os métodos de tratamento e preparação dos jogadores a fim de garantir o máximo aproveitamento de cada um. Turíbio Leite de Barros corrobora essa idéia. Na opinião dele, a estrutura do São Paulo, em termos de equipamentos e profissionais, está entre as mais modernas que existem. "A nossa estrutura tornou-se modelo. Em recente visita a outros centros de treinamento, como o do Manchester, na Inglaterra, e do Milan, na Itália, pude concluir que o nosso não deixa nada a desejar, se não for melhor", observa.

Luiz Alberto Rosan acredita que, com a criação do REFFIS, núcleo de Reabilitação Esportiva Fisioterápica e Fisiológica, o SPFC passou a ser referência. "O que oferecemos aqui, poucos clubes do mundo podem oferecer", afirma. "Nossa sala de reabilitação de atletas é a maior da América Latina, com equipamentos de última geração", conclui Rosan, que também integra a comissão técnica da seleção brasileira.

O REFFIS já recuperou muitos craques. O zagueiro português Abel Xavier e os pentacampeões Roque Júnior, Denílson e Edmilson são bons exemplos. A lista, porém, inclui atletas de outras modalidades esportivas, como o piloto de motovelocidade Alexandre Barros, e até personalidades, como João Paulo Diniz, cujo pai, Abílio Diniz, homem-forte da rede de supermercados Pão de Açúcar, recomenda o trabalho desenvolvido no Tricolor. "Estive no CT e fiquei impressionado", revelou Diniz à

reportagem da *Revista Oficial* em 2004.

O espaço, porém, não é usado apenas para recuperação. Nele, os jogadores previnem-se de lesões. "Nos preocupamos tanto com a prevenção quanto com a reabilitação dos atletas. A cada dia, aprimoramos mais", garante Turíbio. "Estou há 18 anos aqui e, pela primeira vez, podemos encerrar um semestre sem nenhum caso de lesão muscular.

A preparação, entretanto, não é tarefa fácil, porque cada corpo possui um limite de resistência. Alguns, por serem mais exigidos fisicamente, estão mais expostos a contusões do que outros.

Carlinhos Neves explica que cada caso apresenta peculiaridades. "Temos de diferenciar a preparação de cada um. Por isso, quando chegam, fazem todos os exames necessários, como cardiológicos e fisiológicos, para que possamos elaborar uma avaliação de preparação ideal. É tudo individualizado. Cada jogador possui uma frequência cardíaca, por exemplo."

Para Turíbio, a preparação física é cada vez mais necessária também pelo fato de vários atletas que iniciam carreira no futebol saírem de classes sociais mais baixas e, muitas vezes, não terem condições de alimentar-se adequadamente. Em inúmeras ocasiões, são desnutridos. E, se não fizerem uma etapa de condicionamento antes de começarem a atuar, não podem nem sequer entrar em campo.

A equipe médica do São Paulo argumenta que todos esses cuidados são tomados para que surpresas, como a de Serginho - zagueiro do São Caetano que morreu recente-

"O que oferecemos aqui no São Paulo, poucos clubes do mundo podem oferecer"

Luiz Alberto Rosan, fisioterapeuta do SPFC e da seleção brasileira

“Quando (os jogadores) chegam, fazem todos os exames necessários, como cardiológicos e fisiológicos, para que possamos elaborar uma avaliação de preparação ideal”

CARLINHOS NEVES, preparador físico

mente em partida contra o Tricolor após sofrer parada cardíaca -, não aconteçam. Assim, os atletas ainda podem prevenir-se de lesões. “Com esse tipo de trabalho que fazemos aqui, quase conseguimos extingui-las”, revela Turíbio.

FATALIDADES

Nos últimos tempos, o assunto prevenção pré-temporada esteve em destaque por conta do grande número de

atletas que morreram em pleno exercício de sua profissão. O falecimento do camaronês Marc-Vivien Foe, em 26 de outubro de 2003, chocou o mundo. O jogador desabou em campo aos 28 minutos do segundo tempo do jogo contra a Colômbia, em Lyon, na França, pela Copa das Confederações.

O húngaro Miklos Fehér passou por situação semelhante. Em 25 de janeiro de 2004, durante a partida entre Benfica, time que defendia, e Vitória de Guimarães,

pelo Campeonato Português, faleceu. Ele entrou em campo na etapa complementar. Nos acréscimos, caiu de forma repentina.

No Brasil, o caso mais conhecido é o de Serginho. O zagueiro passou mal no final do segundo tempo do jogo contra o São Paulo, pelo Brasileiro de 2004, e morreu. A partida, realizada em pleno Estádio do Morumbi, um dos únicos do País a contar com uma pequena UTI equipada com aparelhagem de última geração, estava sendo transmitida por alguns canais de TV. A surpresa parou o Brasil.

A maneira como esses atletas deveriam ser socorridos gerou longas e acaloradas discussões. Várias perguntas surgiram, como se o uso do desfibrilador seria eficiente em situações desse tipo. Marco Aurélio Cunha afirma que o aparelho é importante, sim. Mas que não é suficiente como forma de socorro. “O desfibrilador é um aparelho útil, mas as pes-

soas, e principalmente a imprensa, superdimensionaram seu uso”, diz. “Ocorreram alguns casos em que o problema foi cardíaco, mas poderia ser de outra natureza, como o jogador levar uma pancada e descolar a retina. Então todo mundo iria dizer que era necessário ter um oftalmologista de plantão. Esses casos são exceções.”

Cunha explica que é preciso ter tempo hábil para que a utilização do aparelho seja eficiente. Mas não é qualquer um que pode manuseá-lo. É necessário treinamento para que as pessoas sejam habilitadas a fazer isso. “Deve-se possuir uma equipe treinada de socorro”, completa. A má utilização do desfibrilador, por outro lado, pode causar grandes estragos. Seguramente, a surpresa é o fator que mais atrapalha em todos os casos. “Você nunca está pronto para uma situação dessas e também não é todo mundo que é desfibrilado que resuscita”, finaliza Cunha.



Conforto: a equipe usando um dos três campos oficiais do CT

RAIO X DAS INSTALAÇÕES DO CENTRO DE TREINAMENTO

- Centro Médico e de Fisioterapia Aplicada à Fisiologia de esforço
- 3 campos oficiais
- 1 minicampo
- 1 campo para treinamento de goleiros
- Arquibancada coberta
- 2 vestiários
- 2 vestiários para árbitros
- Alojamentos
- Cozinha
- Refeitório
- 16 dormitórios
- Sala de jogos
- Sala audiovisual
- Administração
- Local para atendimento à imprensa



Este é o cara

[da camisa 9]

Com a saída de Luís Fabiano, GRAFITE assumiu a responsabilidade de ser a principal referência do ataque tricolor, missão que, até o final da temporada 2004, cumpriu muito bem

Por Carlos Mesquita

Grafite viveu maus momentos em 2004, mas recuperou-se rapidamente. De simples coadjuvante passou a protagonista no comando de ataque. Tudo começou no Campeonato Paulista, no início do ano. Diante do Juventus, marcou dois gols que salvaram o Alvinegro do Parque São Jorge do rebaixamento. Por conta disso, agüentou brincadeiras e provocações. Foi chamado de corintiano por torcedores na rua. Esse, entretanto, era apenas o princípio de seu inferno astral. Já que, na sequência, ficaria sem balançar as redes por algumas boas partidas. Durante certo tempo, foi apenas o parceiro de Luís Fabiano. Aos poucos, porém, o panorama foi se transformando. A saída de Luís para Europa não lhe dava outra alternativa. Era chegado o momento de assumir a responsabilidade de ser o goleador do time. Grafite, com personalidade, não se intimidou. Assimilou a idéia ainda quando Cuca era o técnico. Mas foi a chegada de Leão que permitiu a espantosa evolução. O atacante

passou a jogar com mais mobilidade, como sempre preferiu. Se antes ficava fixo do lado direito, passou a atuar com mais liberdade à frente das zagas adversárias. A mudança surtiu efeito imediato. Grafite ficou bem com a camisa nove, pois incorporou o espírito dos grandes artilheiros tricolores e tornou-se o matador do time na temporada 2004.

Desde que você chegou, este tem sido seu melhor momento. A que fatos atribui essa evolução?

Pouco antes de o Cuca sair, tive uma evolução boa. Foi quando comecei a fazer gol. Ele é uma pessoa que sempre cito por tudo que aconteceu aqui. Também é um dos responsáveis por este momento que estou vivendo. Mas, quando o Leão chegou, me deu a confiança e a auto-estima necessárias. Me ajudou muito nos trabalhos de finalização. Mas, por outro lado, me deu mais responsabilidade do que já tinha.

A torcida esqueceu aquela história dos dois gols que salvaram o Corinthians do

rebaixamento?

Esquecer vai ser difícil. Isso ficará marcado na minha carreira. Toda vez em que alguém se lembrar de mim vai falar dos gols que fiz e salvaram o Corinthians ou da minha história no São Paulo. Mas assimilei bem esse episódio.

Há pouco tempo, você disse que seu maior desejo era marcar contra o Corinthians. De repente, também é para minimizar essa história?

É lógico. Se tiver uma oportunidade de marcar contra o Corinthians, e apagar essa fama que o pessoal colocou, vai ser bom. Vai dar uma amenizada.

Definitivamente, você ocupou o lugar de Luís Fabiano?

Quando o Luís foi embora, todo mundo falava que eu era o cara. Mas não estava levando isso a sério. Afinal, jogar na área e ser o homem-gol são tarefas complicadas. Na época, eu usava a sete. Até o Tardelli e o Rondón comentavam comigo: "Você é o nove agora". Aquilo ficou no ar. O Leão chegou e também não definiu ninguém. Minha esposa, que sempre vai a todos os jogos, conversou bastante comigo. Sabíamos que, quando o Luís fosse embora, a cobrança crescerá. Ela perguntou por que eu não tentava ficar mais no lugar que ele ocupava. Ali dentro da área. Até que, um dia, cheguei ao CT e falei que tentaria assumir a vaga deixada por ele. Alguns repórteres deram risada. Disseram que eu queria ser o Luís. Entretanto, eu tinha, além do apoio do Leão, consciência do que estava fazendo. Ele aprovou o fato de eu querer ser o camisa nove. Mas, no começo, foi difícil. Tem de acontecer naturalmente. Hoje, tenho mais liberdade para jogar.

Então a chegada de Leão ajudou no seu desempenho?

Influenciou, sim. Mas não só a mim. O Danilo também tem apresentado bom futebol. Os setores de marcação passaram a ser mais cobrados por ele. É lógico que atacantes e meias sempre dão uma força, pressionando os zagueiros adversários. Mas o Leão fala que não precisamos marcar laterais ou volantes. Nossa tarefa é forçar o chutão para frente na saída de bola adversária. A consequência é que parei de tomar cartão, já que marco menos. Tudo isso culminou com o esquema 3-5-2 do

Leão. Nossa equipe ficou bastante ofensiva.

Quais são as características de seu parceiro ideal de ataque?

Preferia, antes, ter como parceiro um homem de área. Mas, com o Luís, não sei se pelo esquema de jogo, eu ficava muito na direita. Isso porque, na época, jogavam o Fábio Santos e o Gustavo Nery, que era praticamente um ponta-esquerda. Mas não tenho essa característica. Gosto de me movimentar. O Leão me deu essa liberdade. Agora, caio pelos lados ou pelo meio. Hoje, busco jogo e me movimento o tempo todo, como um segundo atacante.

Você começou na várzea, à moda antiga. Sente falta hoje dos trabalhos feitos na base?

Com certeza. Procuo trabalhar no dia-a-dia porque o Leão exige isso. Ainda mais de mim. Ele sabe que não tive base. Até por isso cobra bastante a parte de fundamentos, principalmente finalização. Hoje, chuto mais a gol, domino melhor a bola e tenho uma visão mais apurada de jogo, pois conduzo a bola de cabeça erguida. Procuo sempre olhar para o lado. Mas adquiri essa característica com o tempo. No

Santa Cruz, eu chegava à cara do gol e chutava por cima. Se tivesse tido base, poderia estar bem melhor tecnicamente. Mas estou feliz assim porque evolui a cada dia. Tenho 25 anos e ainda tenho muito a aprender. O auge da carreira de um atleta acontece aos 27 ou 28 anos. Estou trabalhando para isso.

O Juvenal Juvêncio disse que você joga mais que o Tevez. O Estevam Soares, técnico do Palmeiras, falou que, se o argentino custou US\$ 20 milhões, você deveria valer uns 30. Aumentou a "responsabilidade"?

Aumenta a responsabilidade, sim. Mas, por outro lado, fico feliz porque é um sinal de que meu trabalho está sendo reconhecido. Não me comparo a ninguém. Procuo apenas fazer minha parte. Existe um aspecto ruim nisso, já que amanhã posso sofrer as consequências dentro de campo. Num jogo entre São Paulo e Corinthians a torcida pode cobrar. E não é bem assim. Continuo trabalhando e pro-

curo me manter fora dessa polêmica. Fico na minha.

Seu nome está aparecendo em especulações de final de ano. Como fica a cabeça?

Aconteceram algumas especulações, mas tenho contrato até 2006 com o São Paulo. Quero cumpri-lo porque estou feliz. Não vou mentir que houve um tempo, quando a torcida me xingava, em que cogitei a idéia de ir embora. Agora, estou tranquilo e desejo ficar. Mas pode aparecer uma coisa boa tanto para mim quanto para o clube. Até o momento, que eu saiba, não chegou nada concreto. Por ora, estou fazendo minha parte, que é jogar futebol e ajudar a equipe. Tem Libertadores. É um recomeço. Estou mais confiante. É lógico que tenho vontade de, um dia, jogar na Europa. Mas estou num começo de trabalho bom aqui no São Paulo. Daqui a dois ou três anos, pode ser um sonho que venha a se concretizar. No momento, estou pensando só no SPFC.

"Hoje, busco jogo e me movimento o tempo todo, como um segundo atacante"



Novos projetos agitam o Morumbi

Enquanto outros clubes procuram apenas por parcerias com empresas internacionais, o São Paulo novamente recorre à imaginação para incrementar as receitas. A mais nova empreitada do Tricolor nessa direção é o GESP, Grupo de Executivos São-Paulinos, que conta com 15 membros efetivos e 120 colaboradores.

Formado por simpatizantes do Tricolor, o grupo oferece consultoria gratuita e reúne-se todas as segundas-feiras. Na pauta, ações de marketing e comunicação que possam ajudar o SPFC. "Nosso objetivo é agregar ao clube ações mercadológicas que contribuam para aumentar o potencial de faturamento da marca São Paulo", explica o publicitário Júlio Casares, coordenador do GESP. O esboço da idéia foi traçado em 2002 por Edson Lapolla e Luiz Celso de Piratininga. Mas, somente agora, depois de ser apresentado a diretores, sócios e conselheiros - e devidamente entendido -, tomou forma. E, apesar de ainda estar no início, já rendeu frutos.

Um exemplo disso foi a primeira propaganda veiculada na TV a respeito do time. Num filme em preto-e-branco, Cichinho aparecia comemorando o gol que fez e deu a vitória, de virada, ao time do Morumbi sobre o arqui-rival Palmeiras pelo retorno do torneio nacional. Na seqüência, chamava a torcida ao estádio e oferecia um carnê de ingressos para as últimas partidas do Brasileiro. A Rede Globo exibiu o comercial, produzido pelo publicitário Edu Lima, da agência F/Nasca, 24 vezes por conta de uma cláusula entre a emissora e o Clube dos 13 que possibilita a transmissão gratuita de propaganda institucional que vise à promoção do campeonato.

Também focada na venda de carnês, outra peça fora mostrada 257 vezes nos monitores dos aeroportos de Congonhas (SP) e Santos Dumont (RJ) pela Indoormídia, empresa de Hugo Pasquini, um dos publicitários que fazem parte do GESP. Pela veiculação dos comerciais, nada foi cobrado. O São Paulo teve de desembolsar somente R\$ 120,00, valor da taxa de licenciamento comercial. Segundo o clube, depois dessas atitudes, a média de pagantes em jogos no Estádio do Morumbi subiu de 6.063 para 15.045 nas partidas diante de Botafogo,

São Caetano e Santos, na reta final do Brasileiro.

Apesar de o GESP estar ligado diretamente à presidência, Júlio Casares, que foi eleito presidente da Associação Brasileira de Marketing e Negócios (ABMN) - , faz questão de ressaltar o bom relacionamento com outros departamentos. "Estamos recebendo um grande apoio do Piratininga (*diretor de comunicações do SPFC*) e de Marcelo Martines (*vice-presidente e diretor de marketing do clube*). Mas o sucesso inicial da ação do grupo só foi possível graças a uma mudança de espírito da equipe. "A mídia não consegue fazer milagre. Ela ajuda quando se tem um bom produto. O Leão e a comissão técnica conseguiram colocar um São Paulo com muita garra dentro de campo."

Alguns publicitários que fazem parte do grupo: Loy Barjas (F/Nazca), Hugo Pasquini (Indoormídia), Luis Fernando Vieira (África), Fabio Freitas (Young Rubican), Jorge Marinhos (Pátria), Fred Muller (Globosat), Arnaldo Rosa (Revista Caras), Rui Branquinho (W/Brasil), Edu Lima (F/Nasca)



Júlio Casares:
coordenador
do GESP

ENTRE OS 10 MELHORES DO MUNDO

De acordo com o ranking mundial de clubes publicado em dezembro pela Federação Internacional de História e Estatística de Futebol (IFFHS), São Paulo FC e Santos são os únicos times brasileiros a figurar entre os dez melhores colocados. A lista, que é divulgada mensalmente, traz o Tricolor em oitavo e o Santos em nono. Ambos aparecem com 240 pontos. O critério de avaliação utilizado pela entidade leva em conta os resultados dos últimos 12 meses das agremiações em competições continentais, intercontinentais, campeonatos e copas nacionais.

Pontuação dos dez primeiros colocados do ranking da IFFHS:

1 - Valência (ESP) - 288	6 - Boca Juniors (ARG) - 252
2 - Manchester United (ING) - 281	7 - Arsenal (ING) - 251
3 - Juventus (ITA) - 273	8 - SÃO PAULO FC (BRA) - 240
4 - Real Madrid (ESP) - 260	9 - Santos FC (BRA) - 240
5 - Milan (ITA) - 253	10 - Chelsea (ING) - 238

OS PREMIADOS

Em 20 de dezembro, a TV Gazeta ofereceu a várias personalidades do esporte brasileiro o Troféu Mesa Redonda. Entre os homenageados, estavam o ex-técnico Mário Jorge Lobo Zagallo, hoje auxiliar na seleção brasileira - recebeu o troféu como o maior vencedor de Copas do Mundo -, e Carlos Alberto Parreira, atual comandante do escudo brasileiro, que abocanhou o prêmio de destaque na conquista da Copa América. O Tricolor do Morumbi teve três de seus atletas escolhidos como os melhores em suas respectivas posições: o goleiro Rogério Ceni, o zagueiro Diego Lugano e o lateral-direito Cicinho (ao lado). A cerimônia foi apresentada pelo jornalista Flávio Prado.



OS PREMIADOS II



O São Paulo também emplacou três jogadores na tradicional premiação Bola de Prata, concedida pela revista *Placar* em parceria com a Rede Record, concedida aos melhores da temporada 2004. O goleiro Rogério Ceni e os zagueiros Lugano e Rodrigo foram escolhidos para a seleção do campeonato.

A CHEGADA...

O São Paulo Futebol Clube começou a se reforçar para a temporada 2005 após encerrar participação no Campeonato Brasileiro, no qual ficou em terceiro lugar. Josué, destaque do Goiás, assinou contrato de três anos com o Tricolor paulista. Sua apresentação deve ocorrer em 10 de janeiro, quando o elenco retorna de férias. O volante, de 25 anos, foi companheiro até pouco tempo atrás de Danilo, Fabão e Grafito no time alviverde. Esse fato deve facilitar seu entrosamento.

JOSUÉ Anunciato de Oliveira
Nascimento: 19/07/1979 • **Local:** Vitória de Santo Antão (PE)
Altura: 1,70m • **Peso:** 61 quilos • **Clube:** Goiás E.C.

... DE SAÍDA

Seis atletas do São Paulo que disputaram o último Campeonato Brasileiro não terão seus contratos renovados. São eles os volantes Ramalho, Adriano e César Sampaio, que decidiu aposentar-se; o meia Zé Ramalho, o atacante Nildo e o lateral **Gabriel**, cria das divisões de base do clube.



Na voz de Paulo Planet



Em campo, o São Paulo de todos os tempos!

Não importa saber de quem tenha sido essa magnífica idéia de congregar, pelo menos uma vez por ano, por meio de um churrasco de confraternização, quantos tenham tido a glória de envergar a gloriosa jaqueta do São Paulo, a sua camisa já imortalizada, inclusive, com títulos mundiais. Mas trata-se, sem dúvida, não apenas de um resgate de gratidão recíproca, mas, notadamente, de momentos que se registram mercê da lembrança e da história de cada um desses importantes personagens, sem embargo de igualmente serem recordados aqueles que, com as mesmas glórias, já fazem parte simplesmente do mundo dos mortos. Afinal, poderíamos, desde logo, lembrar Poy, Piolim e Renganeschi, Zezé Procópio, Zarzur e Noronha, Luizinho, Sastre, Leônidas, Remo e Teixeira, por exemplo! Se formos mais velhos... Atrevo-me a pensar que o São Paulo poderia, e mesmo deveria, tendo em vista os moderníssimos recursos da mais alta tecnologia, valer-se dessas oportunidades, tão raras, de lembranças e de histórias, para aproveitar e gravar, em DVD, que, em seguida, seria vendido aos são-paulinos, de todos os quadrantes do País, o que cada um desses notórios ídolos da nossa imensa torcida, pois quem, sendo torcedor, de todos os tempos, do São Paulo, não gostaria de ter na sua televisão, no momento em que desejasse, não apenas o testemunho desses craques, como, igualmente, quem sabe aqueles recursos mencionados, até mesmo alguns momentos da atividade futebolística dos mesmos? Aplausos para a idéia, para a concretização da mesma, pela sua realização constante, que renova, a cada ano, a força imanente, que sempre foi característica são-paulina, não fôramos, desde há muito, simplesmente conhecidos como o Clube da Fé! Mãos à obra, senhor presidente Marcelo Figueiredo Portugal Gouvêa, o São Paulo, que sempre foi pioneiro em quase tudo, a começar pela existência do seu estádio próprio, de dimensões que ninguém tem em todo o mundo, pode também nesse campo mostrar por que sempre fomos e somos o que somos!



Paulo Planet Buarque é membro vitalício do Conselho Deliberativo do São Paulo Futebol Clube, do qual foi presidente duas vezes.

Conselheiros eleitos encontram-se na sala de reunião da presidência



RUBENS CHIRI

À frente. Sempre

Pensando no futuro, o Tricolor paulista tomou a iniciativa pioneira de criar um curso para conselheiros. A idéia, concebida em janeiro de 2004 e posta em prática em setembro, é explicar o funcionamento dos diversos departamentos que compõem o clube. Administração esportiva, liderança, oratória e gestão de orçamento são alguns dos assuntos que devem ser esmiuçados. Os 80 conselheiros eleitos em 2004, cujo mandato estende-se até 2008, poderão fazer estágio nas áreas de sua preferência. E conhecer, na prática, como desenvolvem-se os trabalhos. Até o fechamento desta edição, foram realizadas algumas reuniões, em grupos de aproximadamente 15 pessoas, nas quais foram detalhados os principais pontos do projeto. "Acho que o SPFC, nesse sentido, é o primeiro. É uma coisa de grande importância porque é uma preocupação que nós, com maior vivência no clube, temos," explica Affonso Renato Meira, Presidente do Conselho Deliberativo.

Sob a coordenação de Paulo Elysio de Andrade, vice-presidente social, do conselheiro Paulo José Nogueira da Cunha e do associado José Alberto Rodrigues dos Santos, o curso terá continuidade em 2005. "Nossa intenção é dar a oportunidade para que os novos conselheiros interajam com as questões diretas do São Paulo. Eles serão uma espécie de 'trainees' atuando em áreas distintas, como Finanças, Planejamento, Orçamento, Esportes Amadores, Futebol, Social, Obras, Manutenção, RH, Jurídico, Comunicação e Marketing etc.," frisou Paulo Elysio. Para o dirigente, o treinamento e a capacitação desse novo grupo sinalizam respeito ao patrimônio construído ao longo de décadas. "A noção do tamanho do São Paulo

e de toda sua complexidade administrativa só pode ser medida e efetivamente entendida a partir do momento em que você se torna parte dessa engrenagem", diz. "É isso que pretendemos proporcionar a esses conselheiros que, no futuro, terão a responsabilidade de manter intacta a imagem de um clube que se tornou referência no futebol brasileiro", complementou Elysio.

A receptividade entre os conselheiros foi a melhor possível. "Durante a reunião, todos falaram e participaram. Foi um encontro informal", explica o conselheiro Augusto Higa. "O curso prepara a todos. É um aprendizado."

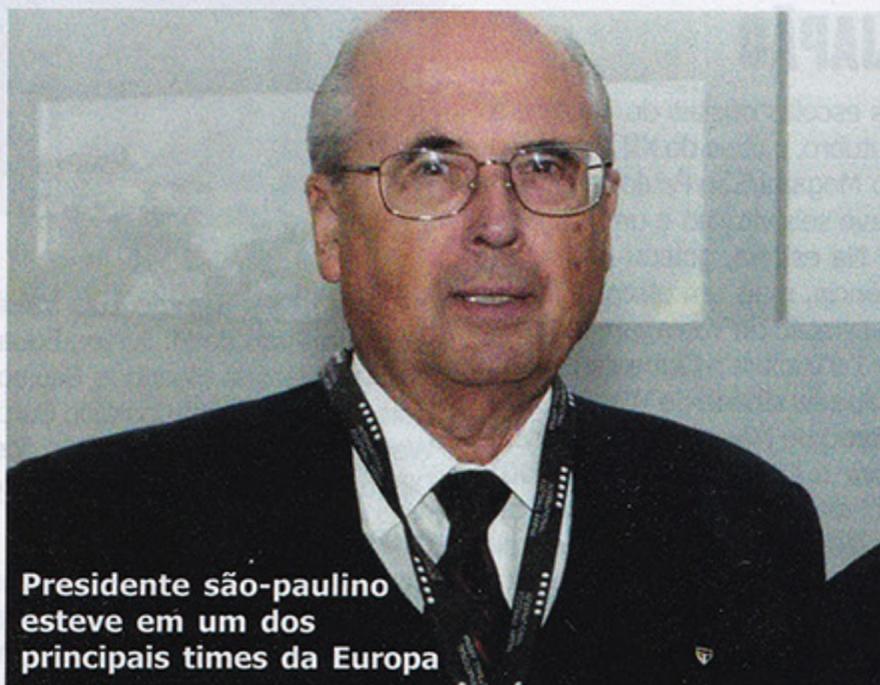
Já o conselheiro Renato Albuquerque destaca a importância de o dirigente conhecer o clube, no sentido mais amplo possível, para poder tomar providências de forma rápida e eficiente. "Se não se tem experiência em determinado setor, deve-se correr para solucionar um eventual problema. E isso pode levar certo tempo", diz. "O curso foi uma atitude muito boa, porque um ou outro de nós pode, no futuro, assumir algum cargo diretivo e já ter esse conhecimento prévio."

De acordo com o conselheiro Marcelo Pupo Barbosa, saber o que acontece no dia-a-dia do São Paulo é fundamental também para que nenhuma informação errada seja passada a ninguém. "Alguns conselheiros são cobrados publicamente porque são representantes do clube. Torcedores perguntam coisas, às vezes, sobre as quais nós próprios não sabemos falar. O curso evitará isso", opina.

"Queremos dividir nossa experiência com os que estão chegando para que eles possam dar prosseguimento, com mais facilidade, ao desenvolvimento do clube," complementou o Presidente do Conselho Deliberativo.

ROGÉRIO CENI ALCANÇA MARCA HISTÓRICA

Novamente, Rogério Ceni (*abaixo*) deixou seu nome cravado na história do Tricolor do Morumbi. Na partida diante do São Caetano, o arqueiro, há 14 anos no SPFC, alcançou a marca de Poy. O ex-goleiro argentino, dono absoluto da camisa número um são-paulina entre 1948 e 1963, defendeu o clube 565 vezes. Contra o Goiás, Ceni completou 572 jogos. Diante do Botafogo, em 7 de novembro, ele usou um uniforme preto - com camisa de mangas longas e o nome de Poy nas costas, estilo anos 50 - que o antigo ídolo costumava vestir. "É uma honra chegar a uma marca como essa", disse Ceni. No topo da lista, está Waldir Peres, que, em 11 anos de clube, fez 597 partidas.



Presidente são-paulino esteve em um dos principais times da Europa

SÃO PAULO NO FÓRUM INTERNACIONAL DA FIFA

Em 8 de novembro, O São Paulo - único convidado da América Latina - esteve presente à sede da FIFA, em Zurique, na Suíça, para participar do Fórum Internacional do Futebol. O evento, que contou com os principais clubes do mundo, debateu temas relevantes, como novas tecnologias, regras e tendências comerciais e de marketing. Em 2005, porém, o foco mudará. O assunto principal deverá ser o futebol brasileiro. E, conseqüentemente, suas agremiações. No encontro ocorrido no final de 2004, Sven Goran Eriksson, técnico da seleção inglesa, externou sua admiração pelo SPFC. Ele classificou o clube brasileiro como um dos mais importantes do planeta. "Fiquei impressionado com a importância que dão ao São Paulo na Europa", disse o presidente Marcelo Portugal Gouvêa, feliz com a representatividade são-paulina no Velho Continente. Ao término do Fórum, outras grandes personalidades do futebol fizeram questão de debater, pessoalmente, com Gouvêa questões sobre o esporte. Entre outros temas, foram discutidos o sucesso do futebol de base do SPFC e a tecnologia para recuperar atletas lesionados.

Clube visita Bayer de Munique

Depois de participar do Fórum da Fifa, em Zurique, em que foi o único representante da América Latina, a comitiva tricolor foi visitar, em novembro, o Bayer de Munique, da Alemanha. Em almoço na sede do time alemão, o presidente são-paulino reuniu-se com o ex-craque da seleção alemã Karl Heinz Rummenige, importante executivo da equipe européia. Além da importante troca de informações sobre as agremiações, ainda foi debatido o contexto do esporte no mundo. Rummenige ressaltou a importância do clube brasileiro. Também revelou que gostaria de ver o São Paulo cada vez mais atuante nas discussões relativas ao futebol. Presenteado por Gouvêa com uma camisa tricolor, Rummenige prometeu que, em breve, virá ao Brasil retribuir a visita. Ele manifestou o desejo de os dois times, futuramente, estabelecerem uma relação mais estreita por meio de parceria. Demonstrando conhecer bem a história do clube do Morumbi e sua grandeza, o ex-jogador considera o SPFC o maior exportador de craques do mundo e os jogadores formados no clube, diferenciados. Isso porque se adaptam muito bem à Europa. "Sempre valorizamos nossas categorias de base", salientou Gouvêa. "Trabalhamos não somente o atleta, mas também o ser humano. O resultado está aí", complementou. Dando continuidade à programação, os são-paulinos assistiram à partida entre Bayer de Munique e Stuttgart, no Estádio Olímpico de Munique, válida pela Copa da Alemanha.

SPFC/SANTO ANDRÉ É CAMPEÃO DA COPA TOPPER DE FUTSAL

O São Paulo FC/Santo André sagrou-se campeão da Copa Topper de Futsal em outubro. O time venceu por 4 a 3 o UPEF/Osasco na prorrogação com golden gol de Paulinho. Os são-paulinos fizeram excelente campanha. Em cinco jogos, obtiveram três vitórias, um empate e uma derrota. A equipe marcou 14 gols pró e sofreu 11. Na estreia da primeira fase, em 24 de agosto, empatou com o São Caetano por 3 a 3. Depois, goleou o Wimpro por 4 a 1. Diante do Osasco, porém, o Tricolor derrapou. Perdeu por 3 a 2. Na semifinal, em 18 de outubro, retomou as rédeas. Bateu o Banespa por 2 a 1. O resultado credenciou o time para a grande final.

Elenco: Higor, Marcão, Thiago Cancian, Bambino, Matheus, Daniel Sakai, Grélio, Luciano, Betinho, Alvim, Rogério, Tiago Néri, Paulinho, Rafael Sakai e Rafael Lima • **Diretor:** Ovídio Pereira • **Técnico:** Xepa • **Preparador físico:** Kleber • **Preparador de goleiros:** Waldir • **Massagista:** Titi
Diretor de Esportes Amadores: Domingos Moraes Jr. • **Diretor de Futsal:** Ovídio Pereira da Silva • **Gerente de Esportes Amadores:** Emílio Marchetti



Jogadores e comissão técnica comemoram a conquista do título

SUB-12: CAMPEÃO NO JAPÃO

Formada por alunos de até 11 anos das escolas oficiais do Tricolor, a equipe do São Paulo FC conquistou, em outubro, o título do XII Takatomo Wonder Farm, do XII Torneio Integração Mogami/São Paulo; e o do II Vegalta Cup. No primeiro, o Tricolor obteve seis vitórias e um empate. Totalizou 19 gols pró e levou apenas 1. Na estreia, goleou o time da cidade de Eurokawa por 4 a 0. Na seqüência, mais um placar elástico em nosso favor: 6 a 1. O adversário foi a seleção de Yamagata. Daí em diante, ocorreram uma vitória simples por 1 a 0 sobre o Clube Kanagawa Coração, outra por 1 a 0 em cima da equipe da cidade de Wakuya, um empate por 0 a 0 contra a seleção do Estado de Miyagui e, na decisão, uma goleada estrondosa de 6 a 0 sobre o Clube Sugimoko. O XII Torneio Integração Mogami/São Paulo foi disputado em partida única. A vitória são-paulina foi sensacional: 10 a 0 sobre a seleção de Mogami. Finalizando a série de jogos, o Tricolor esteve presente ao II Vegalta Cup. Na primeira partida, os brasileiros golearam o Wakuya por 4 a 0. Depois, venceram o Moniwadai por 1 a 0, o Vegalta por 3 a 0 e, no último confronto, o YMCA por 3 a 1, garantindo o título.



JOGADORES: Ricardo Luis Valentim, Wellington Nascimento Barros, Admilson Pinto de M. Junior, Eduardo da Silva S. Filho, Caio de Bartolo Martins, Marcelo Henrique Bauleo, Acácio Rocha R. dos Santos, Ícaro Leite Siqueira, Felipe Castaldo Curcio, José Nicácio da Silva Neto, Douglas Wesley C. Bergami, Wellington dos Santos Silva, Felipe Ferrer de Souza, Diego Cardoso Nogueira, Víctor Reis Silva e Gean Carlud Slusars

COMISSÃO TÉCNICA

Coordenador-geral do intercâmbio: José Roberto Canassa
Chefe delegação: Affonso Renato Meira • **Médico:** Paulo de Aguiar Miguel • **Diretor do intercâmbio:** Koi Takahashi • **Coordenador-técnico:** José Roberto Calicchio • **Técnico:** Antônio Rodrigues

PEQUENOS CORAÇÕES SÃO-PAULINOS

A nação são-paulina, como é sabido por meio de pesquisas, cresce a cada instante. Mas a novidade é que, às vezes, alguns jovens corações tricolores, privilegiados, saem da maternidade já na condição de sócios do clube. O goleirão Rogério Ceni, por exemplo, tornou-se pai em dezembro. E, de acordo com ele, suas gêmeas, Beatriz e Clara, são torcedoras do SPFC desde o primeiro instante de vida. Situação semelhante aconteceu com Luiz Felipe, filho do publicitário Rui Branquinho. O garoto nasceu em 21 de setembro no hospital Albert Einstein, de onde foi direto para o Morumbi. Lá, ficou tempo suficiente para pisar na grama do estádio, conhecer o Salão Nobre e dar uma conferida no Memorial. Obviamente, naquela altura, era sócio e possuidor de cadeira cativa – e tudo isso com menos de dez dias. O mesmo ocorreu com André Vasconcelos Farah, que veio ao mundo em 23 de abril de 2004. Na foto abaixo, o garoto, neto do ex-presidente Paulo Amaral e do conselheiro João Farah, aparece cheio de orgulho. E fazendo pose com a camisa do time preferido!



UNIÃO CONTRA A PIRATARIA

São Paulo, Santos, Palmeiras e Corinthians resolveram, em iniciativa pioneira, unir a força de suas marcas para criar uma comissão de combate à pirataria: o G4. Representantes dos quatro maiores clubes paulistas se reúnem quinzenalmente, desde maio, a fim de discutirem os problemas enfrentados pela área de licenciamentos. Também estão traçando uma estratégia de combate ao problema. A idéia partiu do departamento de Marketing do Tricolor do Morumbi, capitaneado por Marcio Sanzi, diretor licenciado, e Marcelo Matines, vice-presidente do clube e de Marketing e Comunicações. O grupo já está em contato com um escritório de advocacia. O objetivo é dar início a uma busca ofensiva em relação aos produtos piratas, seus produtores e revendedores. Uma rígida fiscalização deve ser a primeira etapa do projeto. O propósito é tentar minimizar os efeitos da ação ilegal por meio de uma atuação conjunta dos clubes, já que a pirataria, além dos prejuízos financeiros, contribui para a desvalorização das marcas à medida que coloca no mercado objetos de baixa qualidade, sem padronização e controle.

PISAMOS NA BOLA

Na edição passada, a foto do time da **unidade de Ribeirão Preto**, campeão do Sub-15 da I Copa Internacional São Paulo Futebol Center, publicada na seção Notícias do Tricolor, foi trocada. A correta esta ao lado.



Os coreanos foram os vice-campeões

CEM ANOS DE HISTÓRIA

No dia 11 de novembro, **Piragibe Nogueira**, ex-presidente são-paulino na década de 30 e um dos dirigentes mais atuantes do clube em toda a sua história, completou 100 anos. Considerado um dos ícones da vitoriosa trajetória tricolor, Piragibe Nogueira foi eleito presidente do São Paulo em 1938, após a fusão do clube com o Estudantes. Em 1941, foi alçado ao cargo de presidente do conselho deliberativo. De 1948 a 1951, dirigiu o departamento médico, para o qual levou sua vasta experiência profissional. Entre 1951 e 1962, Nogueira voltou a ocupar, ininterruptamente, a presidência do conselho deliberativo. Participou ativamente da Comissão Pró-Estádio, cujo trabalho resultou na construção do Cícero Pompeu de Toledo. Por diversas vezes na década de 60, ocupou a vice-presidência. Foi nomeado conselheiro vitalício em 1973 e assumiu a presidência do conselho consultivo entre janeiro de 1979 e janeiro de 1984. Piragibe Nogueira é o único são-paulino que ocupou a presidência dos três conselhos. Por tudo isso, figura com destaque na galeria dos grandes beneméritos do clube.



ABÍLIO DINIZ VISITA NOVO CT



Passadinha rápida (da esq. para a dir.): Leão, Juvenal Juvêncio, Abílio Diniz e Marcelo Portugal Gouvêa

Futuras instalações:
em ritmo acelerado



Abílio Diniz, presidente do Conselho de Administração do Grupo Pão de Açúcar e são-paulino fanático, aceitou o convite do presidente Marcelo Portugal Gouvêa para conhecer as futuras instalações do novo Centro de Treinamento Presidente Laudo Natel, localizado na cidade de Cotia, nos arredores da capital paulista. Ao lado do dirigente tricolor, de Juvenal Juvêncio, diretor de futebol, e do técnico Emerson Leão, o empresário sobrevoou a área de 220 mil metros quadrados e ficou impressionado. Apesar das fortes chuvas, as obras continuam em ritmo acelerado. Os alojamentos e alguns dos dez campos que serão erguidos para a lapidação de jovens talentos estão em fase adiantada. Além da visita, Abílio Diniz também assistiu a uma apresentação feita pelo fisioterapeuta Luiz Alberto Rosan, que esmiuçou a importância de uma infra-estrutura privilegiada para a descoberta de novos craques.

PARA GOSTAR DE LER

O "MESTRE" EM LITERATURA DE CORDEL

Em 20 de novembro, foi lançado no espaço Plínio Marcos, na tradicional feira da Praça Benedito Calixto, zona oeste de São Paulo, o cordel *A Vida de Telê Santana*. De autoria do músico e escritor Téo Azevedo, o texto, em forma da tradicional poesia nordestina, retrata a vida do técnico bicampeão do Mundial Interclubes (92/93) com o São Paulo.

A VIDA DE TELÊ SANTANA



Autor: Téo Azevedo
Literatura de Cordel

O RESERVA

Autor: Rui Zink

Editora: Planeta do Brasil

Preço sugerido: R\$ 25,00

O livro de Rui Zink revela uma veia tragicômica. *O Reserva*, entretanto, poderia ser apenas um romance divertido sobre futebol. Afinal, o locutor Paulo Gomes, protagonista da história, tornou-se popular na cidade por não conseguir acertar nem o nome e nem o número dos atletas que entram no lugar dos titulares dos times. O tom engraçado, porém, é posto de lado quando um acidente de trânsito, na saída de um estádio, vitima uma criança. Ninguém mais poderá substituí-la. Não há reservas para esse tipo de acontecimento. A narrativa utilizada por Zink em *O Reserva* é tortuosa. Ao longo de 280 páginas, ele carrega o leitor até as profundezas do fato.



OS 11 - "A GALERA É UMA SINFONIA PRESTES A EXPLODIR"

Autor: Edson Coelho de Oliveira

Editora: Mulambo Cão

Preço sugerido: R\$ 28,00

Uma obra com ingredientes um tanto quanto inusitados. *Os 11* é um romance no qual, entre muitos personagens, destacam-se Hussein, príncipe árabe que ama a ciência e o futebol; Nilo, garoto egípcio cujos pais, terroristas, morrem e que termina sendo adotado por Hussein; Felipe, gênio da matemática e da bola; e Artur, morador do Morro da Mangueira e avô de Felipe. Nilo e Hussein vêm, por motivos diferentes, morar no Rio de Janeiro. Lá, o árabe monta, a partir de suas experiências genéticas, um time secreto: o Anthares. Do outro lado, Artur também forma sua própria equipe, os 11, composto por garotos reunidos, ao acaso, numa praia. Além de disputarem nos campos, Felipe e Nilo brigam pelo amor de Ana Clara, menina que conhecem desde a infância. *Os 11* foi escrito a partir do roteiro original de um longa-metragem infanto-juvenil. Com 190 páginas, seus temperos parecem capazes de prender a atenção do leitor.



Prato Cheio

Pode ser que o título não agrade muito ao paladar tupiniquim, mas o conteúdo do prato seguramente satisfaz a grande massa apreciadora de futebol. O Campeonato Brasileiro, disputado por pontos corridos, é o que diz o título. Um verdadeiro festival de gastronomia, em que se servem pratos típicos das várias regiões do território nacional. Temos desde o churrasco à gaúcha, no extremo sul, até o pato no tucupi, vedete da culinária paraense, no norte, passando pela buchada de bode, feijoada, tutu à mineira, arroz tropeiro, frango ao molho pardo, feijoada branca, lombo na brasa, camarão à paulista, leitão à pururuca, carneiro no buraco e costela no bafo, entre outros.

Alguns desses pratos são mais regionalizados. Outros bem mais conhecidos, apreciados e aplaudidos em todo o território nacional, como ocorre com nossos clubes de futebol. Competição das mais equilibradas e de elevado nível técnico - mas poderia ser melhor neste aspecto. Muito mais difícil do que as que se disputam em outros países, em que o futebol é uma das modalidades esportivas mais apreciadas, como na Itália, Espanha, França, Alemanha e Inglaterra - onde cinco ou seis equipes de melhor nível técnico entram para disputar o título, e as demais fazem o papel de meros coadjuvantes.

Dos nossos 24 participantes, 15 já foram campeões brasileiros. Outros três foram campeões da Copa do Brasil. Participar de uma competição desse porte é como viajar pelo mundo num confortável iate, fazendo escala em cada porto, conhecendo novas culturas, saboreando novas iguarias, aplaudindo novos artistas que vão subindo ao palco. Um show diferente a cada fim de semana.

E os reflexos desse espetáculo se espalham desde o cobiçado patamar da glória, região ocupada pelos candidatos diretos ao título, até o caldeirão do diabo, área minada, onde se debatem os candidatos ao rebaixamento. Entre uns e outros, no entanto, há o sombrio corredor da morte, por onde muitas vezes se cruzam personagens ilustres, de reputação inatacável. Ali os sonhos podem ser revitalizados, as energias podem ser recuperadas e com isso novas esperanças podem surgir. Mas pode ser também o corredor da morte para alguns de seus frequentadores mais assíduos. Alguns da mais alta nobreza.

Esse show em cada porto, a que assistimos a cada fim de semana, é bem mais interessante do que uma festa de gala para a entrega do "Oscar" - que começa e termina em duas horas e ninguém mais fala no assunto. Num sistema de chaves ou de

"mata-mata", metade dos candidatos é eliminada a cada rodada. Perdidas as chances de mostrarem seu potencial, dispensam seus jogadores como resíduos de massa falida. Sem condições de sobrevivência.

Para ter idéia da grandiosidade desta competição, basta lembrar que, na quadragésima rodada, os quatro primeiros colocados, somados, já haviam sofrido 40 derrotas e 30 empates. E os quatro que ocupavam os últimos lugares da tabela já haviam ganho 40 partidas e empatado 48 vezes. Esses dados comprovam que os líderes não eram imbatíveis ou absolutos, nem aqueles que ocupavam as últimas colocações eram fracos e inexpressivos, como pode parecer numa análise superficial.

Os ponteiros da competição, não raro, perderam para os últimos colocados. Foi uma verdadeira gangorra. Os líderes e os rabeiras se revezaram, dentro do seu espaço, ao longo da disputa. O campeonato de 2004 foi tão emocionante quanto o "Derby" da Inglaterra para os amantes do turfe. Depois de contornada a reta oposta, havia um bolo de concorrentes disputando o primeiro lugar. Sem descartar a possibilidade de vencer por um corpo, uma cabeça, pela posição avançada das patas dianteiras - ou simplesmente pelo ângulo de inclinação do focinho!

A liderança mudou de dono cerca de dez vezes, na maioria delas, de modo passageiro. A queda brusca de produção a que todos estão sujeitos foi consequência, não raro, da venda para o exterior de alguns dos seus principais jogadores. Até que se encontrem peças de reposição, a equipe fica sujeita a oscilações.

Em alguns casos o tropeço foi de ordem administrativa, financeira ou emocional. O que demora um pouco mais para ser corrigido. Apesar de todo esse equilíbrio, esse nivelamento técnico, alguns clubes se destacaram dos outros sob muitos aspectos, ora pela lisura e competência de sua administração, ora pela modernidade de suas instalações, pela estrutura de seu currículo que define sua posição no ranking, pelo apoio que recebem de suas torcidas, pelo esforço despendido para realizar suas próprias receitas, pelo acerto na formação de jovens valores e até - infelizmente, por ser verdade - pelo seu "alinhamento de bastidores". A favor ou contra a quem dá as cartas em determinado momento.



Guaracy Sampaio



FOTOS RUBENS CHIRI / ARTE RC MAC

**Venha ser parceiro do São Paulo.
Licencie seu produto ao lado
de uma marca campeã**

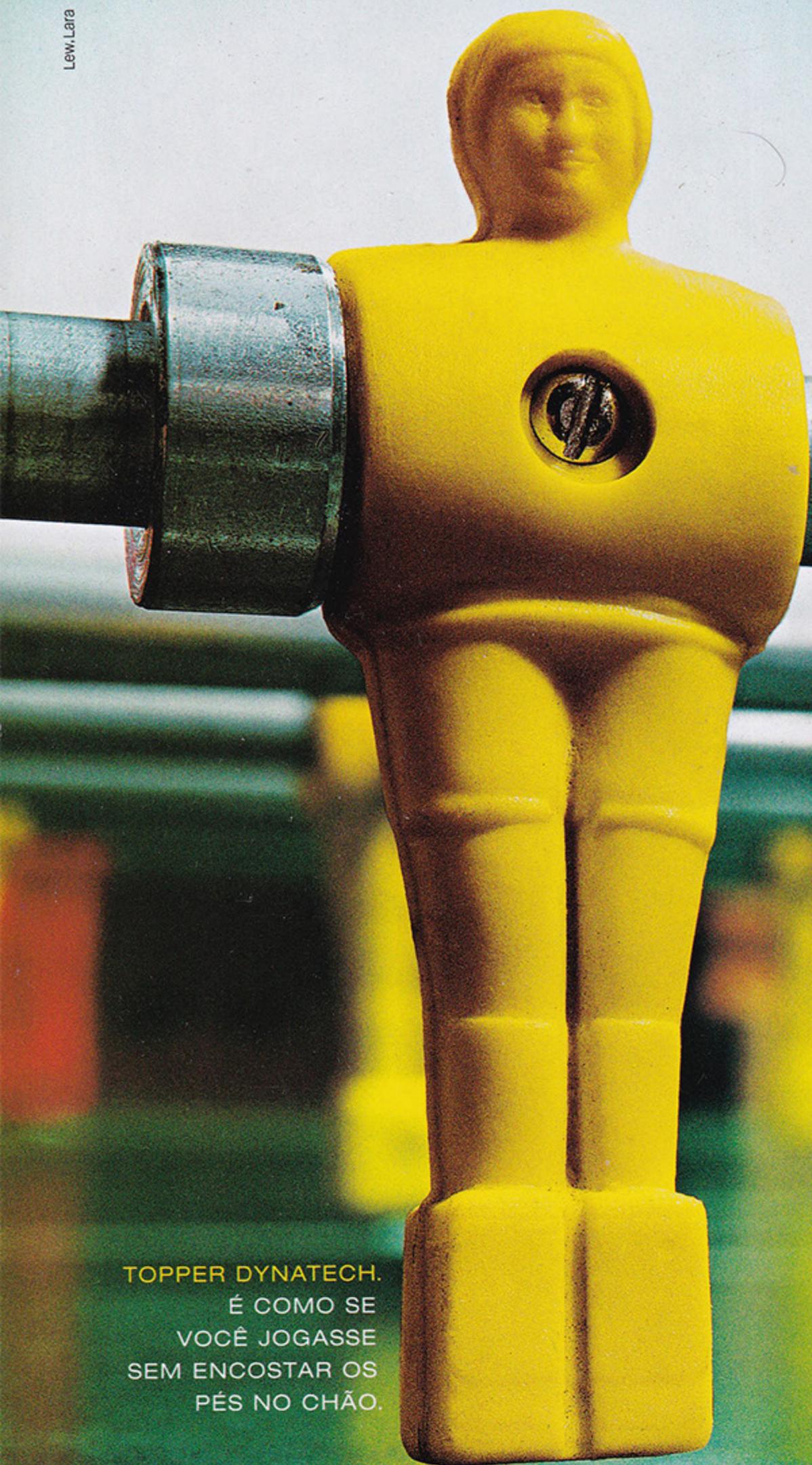
**Maiores informações: Diretoria de Marketing
(11) 3749-8065 ou marketing@saopaulofc.net**





TOPPER

FUTEBOL É COISA SÉRIA



TOPPER DYNATECH.
É COMO SE
VOCÊ JOGASSE
SEM ENCOSTAR OS
PÉS NO CHÃO.

Dynatech.
A tecnologia
antiimpacto
da Topper.



DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO
JOÃO FARAH
2025



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ